



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JACOB ADÃO GONÇALVES

O LUGAR DAS LÍNGUAS AFRICANAS FALADAS EM ANGOLA NO SÉCULO XXI

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

JACOB ADÃO GONÇALVES

O LUGAR DAS LÍNGUAS AFRICANAS FALADAS EM ANGOLA NO SÉCULO XXI

Trabalho de conclusão de curso TCC apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Malês.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

G626l

Gonçalves, Jacob Adão.

O lugar das línguas africanas faladas em Angola no século XXI / Jacob Adão
Gonçalves. - 2025.

62 f. : il., mapas, color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de
Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Angola - Línguas. 2. Planejamento linguístico. 3. Política linguística. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 409.673

JACOB ADÃO GONÇALVES

O LUGAR DAS LÍNGUAS AFRICANAS FALADAS EM ANGOLA NO SÉCULO XXI

Trabalho de conclusão de curso TCC apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Malês.

Aprovado em: 03/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre António Timbane (Orientador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Eliana Rosa Sturza

Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Nzavoni Ntondo

Universidade Agostinho Neto-Angola

Prof. M.e Marcos Vinicius da Hora Silva

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO

Angola convive com uma diversidade linguística na qual coexiste o português, as línguas bantu, a língua gestual, as línguas khoisan e outras línguas estrangeiras. O português é a única língua oficial e de prestígio, de acordo com a Constituição da República de Angola (2010) e é a língua de ensino e do funcionalismo estatal. O presente artigo debruça-se sobre a Política e Planejamento Linguístico das Línguas africanas em Angola, especialmente o lugar das línguas africanas faladas século XXI. Sabendo que as línguas africanas faladas em Angola são importantes para cultura e identidade, questiona-se os espaços onde as línguas africanas são utilizadas. Este trabalho tem como objetivo geral compreender o lugar das línguas africanas faladas em Angola buscando identificar os problemas do atraso no ensino, uma vez que são marcas da cultura e da identidade do povo. Especificamente, a pesquisa (a) analisar o lugar das línguas africanas faladas em Angola nos espaços públicos; (b) descreve os fatores que impedem com que as pessoas não aprendam as línguas nacionais; (c) explicar as razões da fraca divulgação e ensino em línguas africanas faladas em Angola. A pesquisa é relevante porque incentiva cidadãos para a valorização das línguas africanas, de modo a evitar a extinção das mesmas e a perda da identidade linguística, sensibilizando para a proteção e a criação de instrumentos de ensino no território nacional. Esta atitude contribui para redução do preconceito linguístico, marcado pela ideologia enraizada no período colonial. As línguas angolanas de origem africana têm tido privilégio por parte da população e das autoridades tradicionais locais. Trata-se de uma pesquisa quantitativa onde o instrumento de coleta de dados foi o questionário online constituído por 24 perguntas fechadas e uma aberta, coletando dados de 79 informantes angolanos residentes em Angola. O questionário foi partilhado via redes sociais e foi respondido durante uma semana. Das análises se observa que o lugar das línguas africanas em Angola é de desprestígio porque o poder do português se sobressai. Muitos angolanos têm o português como língua materna e estão cientes de que o Estado não valoriza as línguas africanas e gostariam que seus filhos aprendessem uma delas, porém, ainda há preconceito devido à política linguística da desvalorização das línguas africanas. Conclui-se que nas igrejas, na televisão, na rádio, nos hospitais, os angolanos preferem ouvir/falar o português atitude que reforça o preconceito com relação às línguas locais. Esta problemática pode provocar o desaparecimento das línguas africanas ao longo do tempo. Concluiu-se ainda que há línguas em extinção em Angola, especialmente as línguas dos khoisan que muitas delas ainda não foram descritas ou nem estão sendo revitalizadas. Seria importante o estabelecimento de políticas linguísticas que visem evitar o desaparecimento dessas línguas a curto prazo.

Palavras-chave: Angola - línguas; planejamento linguístico; política linguística.

EMONANAKA TE (Língua lingala)

Angola ezali ekólo oyo ezali na minoko ndenge na ndenge oyo esangisi Portugais, minoko ya Bantu, elobeli ya bajeste, minoko ya Khoisan mpe minoko mosusu ya bapaya. Engebene na Mobeko Likonzi ya Ekolo Angola (2010), Portugais ezali monoko se moko ya leta mpe ya lokumu mpe ezali monoko ya mateya mpe ya mosala ya leta. Lisolo oyo etali mingi Politiki ya nkota mpe mwango ya minoko ya Afrika na Angola, mingi mingi esika ya minoko ya Afrika oyo balobaka na ekeke ya 21. Koyebaka ete minoko ya Afrika oyo elobelamaka na Angola ezali na ntina mpo na mimeseno mpe bomoto, bisika oyo minoko ya Afrika esalelamaka ezali na ntembe. Mokano monene ya mosala oyo ezali ya kososola esika ya minoko ya Afrika oyo elobelamaka na Angola, koluka koyeba mikakatano ya retard na mateya, lokola ezali bilembo ya mimeseno mpe bomoto ya bato. Mingimíngi, bolukiluki (a) etali esika ya minoko ya Afrika oyo elobelamaka na Angola na bisika ya bato banso ; b) elimboli makambo mazali kopekisa bato bayekola minoko ya ekolo ; c) kolimbola bantina ya bopanzi mpe mateya ya mabe ya minoko ya Afrika oyo elobelamaka na Angola. Bolukiluki yango ezali na tina mpo elendisi bana mboka bapesa motuya na minoko ya Afrika, mpo na kopekisa bosilisi na yango mpe bobungisi ya bomoto ya nkota, kotombola boyebi mpo na bobateli mpe bokeli bisaleli ya mateya na territoire national. Ezaleli oyo esalisaka mpo na kokitisa makanisi mabe ya nkota, oyo emonisami na makanisi oyo ezwaki misisa na eleko ya bokonzi ya bakolonia. Minoko ya Angola oyo euti na Afrika epesami libaku malamumu na bato mpe bakonzi ya bonkoko ya mboka. Oyo ezali bolukiluki ya quantitatif esika wapi esaleli ya bosangisi ba mbano ezalaki questionnaire en ligne oyo ezalaki na mituna 24 ya kokangama mpe motuna moko ya polele, oyo esangisi ba données ya ba informateurs Angolais 79 oyo bafandi na Angola. Bakabolaki mokanda ya mituna yango na nzela ya ba réseaux sociaux mpe bazwaki biyano na boumeli ya poso moko. Ba analyses ezo lakisa que place ya ba langues africaines na Angola ezali ya disreputation po pouvoir ya portugais ezo se démarquer. Ba Angolas mingi bazali na Portugais lokola monoko na bango ya mboka mpe bayebi ete Leta apesaka motuya te na minoko ya Afrika mpe bakolinga bana na bango bayekola moko na yango. Kasi, ezali naino na makanisi mabe mpo na politiki ya nkota ya kokitisa motuya ya minoko ya Afrika. Elobami ete na bandakonzambe, na televizyo, na radio, mpe na balopitalo, bato ya Angola balingaka koyoka/koloba Portugais, ezaleli oyo ezali kolendisa makanisi mabe mpo na minoko ya mboka. Mokakatano oyo ekoki kosala ete minoko ya Afrika elimwa na boumeli ya ntango. Ezwamaki mpe na bosukisi ete ezali na minoko oyo ezali kosila na Angola, mingimíngi minoko ya Khoisan, mingi na yango elimbolami naino te to ezali kutu kozongisama na bomoi te. Ekozala na tina ya kosala ba politiques linguistiques oyo ezali na tina ya kopekisa kolimwa ya minoko wana na tango mokuse.

Maloba ya ntina: Monoko; Bokoko; Politiki ya nkota; Angola.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANA	10
1.2	LÍNGUAS DO GRUPO KHOISAN	12
1.3	LÍNGUAS DO GRUPO VÁTUAS	13
1.4	LÍNGUA GESTUAL DE ANGOLA	14
1.5	SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA	15
2	POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO	17
2.1	POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO SISTEMA DE SAÚDE	19
2.2	POR UM ENSINO BILÍNGUE	20
2.3	LÍNGUAS DE FRONTEIRAS	22
2.4	LÍNGUAS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	23
2.5	O LUGAR DAS LÍNGUAS AFRICANAS FALADAS EM ANGOLA	24
2.6	AS LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANAS EM DIFERENTES CONTEXTOS	25
2.7	AS LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANAS NOS CONTEXTOS RELIGIOSOS	26
2.8	AS LÍNGUAS ANGOLANAS NA MÍDIA	28
2.9	RÁDIO NGOLA YETU	28
3	EMISSORAS EM ANGOLA	29
3.1	PROGRAMAÇÃO DE 24H DA TPA1 E 2	31
4	RITMOS MUSICAIS	33
4.1	A IMPORTÂNCIA DAS LÍNGUAS NACIONAIS NOS NOMES PRÓPRIOS	40
5	METODOLOGIA E ANÁLISES DE DADOS DA PESQUISA	42
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICES	57

1 INTRODUÇÃO

Angola está situada na África Austral e subsaariana, a Norte ou Oeste faz fronteira com a República Democrática do Congo ou Congo Brazzaville, a Leste pela República da Zâmbia, e ao Sul pela República da Namíbia e pelo Oceano Atlântico. Angola tem uma área de 1.246.700 km², de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas (INE, 2012). Com base no Decreto presidencial da República de Angola n.º268/24 de 29 de novembro, e pelo Diário da república, na lei 14/24 de 5 setembro no seu artigo 1.º e 2.º, declara a aprovação da nova divisão administrativa da República de Angola, no qual acrescentou-se novas províncias, municípios e comunas.. Assim, Angola está constituído por 21 províncias que são: Malanje, Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Cuando Cubango, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Cunene, Moxico Leste, Icolo Bengo, Cuando, Cuanza Sul, Cuanza Norte, Huambo, Lunda Sul, Lunda Norte, Moxico, Namibe, Namibe, Uíge e Zaire. Sendo 326 municípios e 378 comunas. De acordo com os Instituto Nacional de Estatísticas (Censo, 2024), Angola tem um total de 36.604,681 habitantes, sendo 17931985 homens e 18672696 mulheres de sua população, sendo que 23.991,388% residem na área urbana e 12.613,293 residem na área rural.

A província de Luanda é a mais populosa de Angola pelas seguintes razões: (i) por ser a capital do país, (ii) por oferecer mais oportunidades de emprego e, (iii) também pelo facto de ser o centro onde decorrem todas as atividades (cultural, econômica, turística etc.). E no que concerne ao total de línguas existentes em África, isso é um assunto que tem sido discutido por vários linguistas, uma vez que, cada pesquisador tem o seu ponto de vista e ideias diferentes. A divergência acontece porque os estudos ainda estão sendo desenvolvidos e os debates da diferença entre língua e dialeto ainda são fortes. No entanto, isso vai muito também aos estudos das línguas e da totalidade das línguas faladas nos países africanos, ou seja, ainda há essa incerteza sobre o total de línguas africanas em muitos países de África. Estima-se a existência de duas mil línguas de acordo com Petter (2015).

O presente trabalho debruça-se sobre o lugar das línguas africanas faladas em Angola em um contexto do século XXI onde já há preconceito com relação às línguas africanas e valorização das línguas de origem europeia. A ideologia de superioridade das línguas europeias ainda prejudica os povos para além de provocar exclusão social, tal como Timbane e Rezende (2016) debatem no artigo “A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique”.

Neste sentido, Angola é um país composto por populações provenientes de diversos grupos étnicos, nomeadamente dos bantu, khoisan e vátuas, distribuídos de forma desigual ao

longo do país. Os povos bantu são os mais numerosos e exercem um domínio com relação aos restantes povos. Há que realçar que bilinguismo é um fenômeno normal nesse contexto, e que a grande maioria de línguas precisa de estudos descritivos que devem culminar com a publicação de gramáticas e dicionários. Há necessidade de estudo e mapeamento dessas línguas para que se possa introduzir um ensino bilíngue.

A diversidade linguística angolana compõe o mosaico cultural, mas ainda assim, não se entende como a língua portuguesa é tida como a única língua oficial dentro de um contexto multilíngue, ou seja, a língua portuguesa é vista como uma língua que está acima de todas outras línguas nacionais, língua de prestígio, língua de escolarização, do setor da administração, comunicação social etc.

Sendo assim, isso nos leva também a entender os interesses do colonizador em implementar a política linguística nos países da CPLP, a fim de haver uma comunicação e o diálogo de forma direta com os povos colonizados, mas por outro lado, devemos também levar em conta a forma pela qual Angola foi reconstruída no contexto pós independência e compreender o porquê que o português sempre foi tido como a língua oficial. Desta feita, esse marco histórico, foi também um dos principais fatores que afastou muitos grupos etnolinguísticos de uma região para outra e, os acordos feitos entre Angola e Portugal. Em consequência dessa política linguística, surge então aquilo que chamamos de “desvalorização da cultural” que consiste na perda dos valores morais, crise de identidade, perda da essência e surgimento do preconceito linguístico.

Sabendo que as línguas nacionais de origem africana são importantes para cultura, e identidade da população angolana. Quais contextos essas línguas são utilizadas em Angola? Da pergunta inicial surge as seguintes respostas provisórias: As línguas Angolanas de origem africanas, são utilizadas nas rádios, televisão e nos jornais;(ii). A língua angolana de origem africana tem privilégio por parte da população e das autoridades locais (iii). As línguas africanas são utilizadas em cerimônias tradicionais como: pedidos, alambamentos e apresentação. Neste sentido, a proposta desta pesquisa é de compreender os fatores que impedem a expansão e o ensino das línguas africanas faladas em Angola, a fim de identificar o lugar que essas línguas ocupam. O estudo irá contribuir para o desenvolvimento de políticas linguísticas, o conhecimento de línguas, grupos etnolinguísticos e do desenvolvimento dos estudos linguístico Angola.

O objetivo da pesquisa será compreender o lugar das línguas africanas faladas em Angola, buscando identificar os problemas do atraso no ensino, uma vez que são marcas da cultura e da identidade do povo angolano. Especificadamente esta pesquisa visa examinar o lugar das

Línguas africanas faladas em Angola na mídia, e nos outros espaços públicos (ii) Descrever os fatores que impedem com que as pessoas não aprendem as línguas africanas faladas em Angola. (iii) explicar as razões da fraca divulgação e ensino em línguas africanas faladas em Angola.

A pesquisa é relevante porque nos incentiva a buscar soluções para uma política de inclusão e a valorização das línguas africanas faladas em Angola, de forma a evitar a extinção das mesmas e a perda da identidade linguística, sensibilizando para a proteção e a criação de instrumentos de ensino no território nacional, permitindo a inclusão e a integração dos grupos etnolinguísticos.

Essa pesquisa se justifica pela necessidade de se criar uma política da promoção e a valorização das línguas africanas faladas em Angola, de modo a evitar a o tribalismo e o preconceito linguístico. Sensibilizando para a proteção e a criação de instrumentos de ensino no território nacional, permitindo a inclusão e a integração dos grupos etnolinguísticos. Tendo em conta que as políticas linguísticas implementadas pelos portugueses, colocou em causa as línguas nacionais, ou seja, naquela época era o colonizador não percebia o kimbundu, Umbundu, Kikongo, Nganguela como uma língua, mas sim como dialeto ou língua do cão.

Trata-se de uma pesquisa documental embasada na pesquisa quantitativa onde o instrumento de coleta de dados foi o questionário online constituído por 24 perguntas fechadas e uma aberta, coletando dados de 79 informantes angolanos residentes em Angola. O questionário foi partilhado via redes sociais e foi respondido durante uma semana. Das análises se observa que o lugar das línguas africanas em Angola é de desprestígio porque o poder do português se sobressai.

Assim, este trabalho encontra-se dividido em seções: a primeira começa com a introdução até situação sociolinguística de Angola. A segunda começa com políticas e planejamento linguísticos até o lugar das línguas angolana de origem africana. A terceira começa com as línguas angolana de origem africana em diferentes contextos até a programação de 24h da TPA 1 e 2. A quarta começa com os ritmos musicais até as questões metodológica e análises dedados, por fim as considerações finais e as referências bibliográficas.

1.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANA

Angola é um país com uma vasta diversidade linguística. Assim, várias línguas coabitam no mesmo espaço. Para Santana (2022, p. 18) “as línguas angolanas de origem africana são divididas em três grupos: línguas bantu, línguas khoisan e línguas vátuas”.

Portanto, do ponto de vista geográfico, vamos ver que essas línguas estão localizadas de acordo com o seu grupo étnico linguístico.

O nome línguas “bantu” é um termo da linguística africana utilizado por Bleek em 1862, Greenberg em 1963, por Guthrie em 1967/1971, por Doke em 1945, Cole em 1961, entre outros linguistas do séc. XVIII e XIX para designar um conjunto de línguas com características comuns. (Timbane e Santana 2021, p.71). De acordo com Djalo, “...a reconstrução da palavra, “Bantu” significa ‘pessoas’ ou ‘povo’, a palavra é formada pela NTU para raiz e BA, marca o plural, para prefixo; tem como singular o MUNTU, que é a combinação de MU com a raiz que é NTU, a palavra MUNTU passa a significar a pessoa, ou seja, ser no singular”. (Djalo, 2017, p.14).

Dessa maneira, vale ressaltar que os grupos etnolinguísticos de raiz bantu não estavam somente no território angolano, podemos observar que existem outras regiões de África no qual se constatou a presença desses grupos. Ainda falando sobre os grupos etnolinguísticos de raiz bantu, destacamos aqui os povos bakongos, grupo étnico bantu que vive numa larga faixa ao longo da costa Atlântica da África, desde o sul do Gabão até às províncias angolanas do Zaire (M’banza Congo), pela República do Congo, pelo enclave de Cabinda e pela República Democrática do Congo (Penha, 2023).

Assim, para Santana e Timbane (2021), afirma que podemos localizar os falantes ou os grupos étnicos da língua bantu nas seguintes regiões que são: África Ocidental, na África Central (Camarões) até o Sul da África. Portanto, focando naquilo que é a nossa pesquisa, vamos aqui apresentar as línguas nacionais africanas faladas em Angola. Vale lembrar que essas línguas fazem parte do mesmo tronco linguístico. Segundo Kukanda (2000), apresenta a descrição das línguas nacionais de Angola que são:

a) O **Kikongo**: ocupa principalmente as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge e Bengo (uma parte) O kikongo conta, no território angolano. Com catorze variantes:

b) O **Kimbundo**: é falado nas províncias de Malanje, Kwanza Norte, Luanda, Bengo (uma parte).

c) O **Umbundu**: a sua língua estende-se às províncias de Bié, Huambo, Kwanza-Sul e Benguela.

d) O **Cokwe** (do grupo etno-linguístico Lunda-Cokwe) ocupa principalmente as províncias de Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico e Cuando-Cubango

e) O **Ngangela**: É falado essencialmente nas províncias do Bié, Moxico, Cuando-Cubango e Huila.

- f) O **Nyanelca-humbi** (grupo etno-linguístico Nyaneke-Humbi). As suas variantes ocupam toda a província da Huíla e uma parte da província do Cunene.
- g) O **ambo** é localizado nas províncias do Cunene e uma parte do Cuando-Cubango.
- h) O **herero** os locutores dessa língua ocupam as províncias de Namibe e Cunene.
- i) O **Oxindonga** Está presente na província do Cuando-Cubango.

Figura 1 - Mapa linguístico das línguas angolana de origem africana



Fonte: Google imagem.

1.2 LÍNGUAS DO GRUPO KHOISAN

Khoisan são tidos como os primeiros povos a habitar no território angolano muito antes dos povos bantu, mas por questões de conflitos eles acabaram se espalhando por outras regiões do país e de África. “A palavra khoisan” é um termo linguístico criado por Bleek e outros linguistas do séc. XVIII e XIX para designar um conjunto de línguas com uma característica comum: uso de cliques”. (Timbane *et al.*, 2023, p. 23).

A palavra khoisan, ela agrega duas comunidades que são **khoi** e **San**. O Nkhum é uma língua pertencente à família khoisan, mas propriamente da comunidade san. As línguas **khoisan**

vão agregar as seguintes: **Nkhun, Kankala e Vakankala**. Em Angola podemos encontrar as línguas do grupo khoisan nas seguintes regiões como: Huíla, Cunene, Cuando Cubango (Kondja, 2023). De acordo com Kondja “! Khun, também grafado Xun ou Xung¹⁵, na literatura Khoisiana, é a língua falada por um dos povos autóctones do sudoeste africano.

Em Angola quando se fala das línguas de origem africana, nos esquecemos sempre das línguas que compõem o grupo khoisan. Dessa forma, isso acontece em função da desvalorização e os poucos estudos que demonstram sobre a existência dessas línguas, e, tem sido uma das razões que tem levado a muitos a dizer que essas línguas são tidas como línguas menores ou sem estatutos.

Segundo Penha e Timbane (2023), os khoisan são povos separados da comunidade angolana, isso dá-se pelo facto de sofrer preconceito e compreendidos como povos não civilizados, selvagens, ou seja, um povo sem cultura e sem história. É por causa dessa ideologia e preconceito que suas línguas carecem muito de atenção por parte do Governo. Tendo em conta que eles correm risco de extinção devido às tentativas de integração e aculturação destes povos. A tendência dos bantu foi de usurpar os territórios dos khoisan e ocupá-los acutando para que esses povos se desloquem para as comunas e cidades mais próximas. Há uma tentativa de convencê-los que precisam de ajuda, são pobres e precisam de se integrar na vida moderna. Esses argumentos condenam os povos antes isolados ao desaparecimento, à extinção. Oliveira crítica dizendo o seguinte:

visão pejorativa, os bantu ao se fixarem em território angolano, vistos como invasores passaram a tratar os Khoisan de Kamussequele. “Porém, os povos bantu, vizinhos dos Kwadi e Kung, atribuíram a estes povos certos nomes pejorativos que diferem em cada região, dentre os quais citaremos os seguintes: Ova-Kwangala, Mukuasseekele, Camussequele, Tuzala-Majimo, Ova-Kwankala, Cacuengos, Vakwengo, Ovasseekele, Ovakedes, Kazama. Os Kung chamam aos Ovawambo de kai, significa negro e nany a todos povos negro Angolanos que não sejam Ovawambo (Miguel, 2021, p. 123).

Além dos fenômenos naturais como seca, desertificação e as catástrofes que assolavam o ambiente ou os abrigos dos povos khoisan, os conflitos internos vindos por parte dos bantu, na tentativa de ocupar o território na qual era habitado pelos khoisan. Portanto, essa foi uma das principais razões que levou os khoisan a emigrar para outras regiões.

1.3 LÍNGUAS DO GRUPO VÁTUAS

Antes da chegada dos bantu, o território angolano já era habitado por dois grupos etnolinguísticos que são: Khoisan e os Vátuas. É por essa razão que os vátuas são considerados

como os pré-bantu. Os Khoisan e os Vatwa constituem a população mais antiga do sul de África e os primeiros habitantes primitivos conhecidos no território que é hoje Angola, antes das migrações de povos bantu, razão por que são designados por “prebantus” (Miguel, 2019, p. 129). Portanto, os vátuas não fazem parte do grupo bantu, uma vez que sua cultura é bem diferente tanto nas características físicas, de organização e de práticas socioculturais. Assim, apesar de ser um grupo pequeno em termos numéricos, podemos localizá-los em vários países de África para além de Angola: África do Sul, Botswana e Zimbabwe, Namíbia.

Concordando com Miguel (2019), quando afirma que uma das maiores razões que levaram esse povo a emigrar em busca das melhores condições de vida foram: os conflitos e as catástrofes que assolavam as suas comunidades e, isso obrigou-lhes se apegar em outras culturas para poder se adaptar ou viver naquele contexto. De acordo com os estudos de Zau (2011, p. 50) os vátuas falam as línguas kwisi e kwepe. Tal como a Declaração Universal de Direitos Linguísticos (1996) defende. Quando uma língua não é revitalizada nem há o ensino, há grandes riscos de desaparecer em pouco tempo. A manutenção linguística só é possível se houver ensino, o uso em contextos formais, daí a necessidade da oficialização.

1.4 LÍNGUA GESTUAL DE ANGOLA

Além das línguas africanas e do português faladas em Angola, confirma-se a existência da língua Gestual de Angola (LGA) com base na lei nº10/16 de 27 de julho de 2016. De acordo com (DR) no artigo 25º afirma que: “Á interpretação em línguas Gestual angolana é obrigatório pelos órgãos públicos e privados, nos actos públicos e nos serviços de atendimento ao público”. Neste sentido, observa-se que as línguas gestuais de Angola também carecem de atenção por parte do governo e da comunidade, necessita-se de uma política de inclusão e trabalhe verdadeiramente com comunidade surda em diferentes contextos.

Assim, entendemos que se trata de uma lei planificada e escrita no papel, mas que precisa de ser executada no verdadeiro sentido. O artigo 25 nº2, afirma que: “Á interpretação em língua Gestual angolana é obrigatório pelos órgãos públicos e privados, nos actos públicos e nos serviços de atendimento ao público”.

Portanto, existem mais outros espaços que a língua gestual pode ser inserida, mas diante desta situação, ainda se vive um défice no que concerne ao cumprimento desta lei, ou seja, é algo bonito, benéfico e bom, mas o grande problema está na execução. A realidade nos mostra outra coisa, ex: escolas, igrejas, hospitais, mercados, nas administrações, na esquadra policiais e nos trabalhos. Todos esses espaços deveriam ter sempre intérpretes para casos do gênero, de

modo a ajudar esses indivíduos a conquistar os seus espaços. Torna-se um crime quando os governos deixam de cumprir com esses princípios.

1.5 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

Angola é um país rico e belo, com uma diversidade linguística que compõe o patrimônio cultural. Assim, as mais destacadas são línguas do grupo Bantu, línguas grupo khoisan, o português e a língua gestual (línguas de sinais de Angola). Em cada região ou província vamos encontrar uma língua predominante. Neste sentido, é difícil procurar entender a complexidade das línguas angolana de origem africana, ou até mesmo afirmar taxativamente o total de línguas de origem africanas existente dentro do contexto angolano. No entanto, isso é um assunto que tem se discutido bastante entre os autores e linguistas angolanos, visto que cada um tem uma abordagem ou ideias diferentes.

Segundo Bernardo (2017) defende que existem 20 línguas de origem africana no território angolano. Mas para Kialanda (2020, p. 11) afirma que “em Angola, há cerca de 46 línguas faladas no território sendo a maioria delas do grupo linguístico banto”. Portanto, essa discussão entre os autores, surge em função da falta de uma boa política linguística e também da falta de reconhecimento de outras línguas.

De tal forma que acontece em certos países de África como: Moçambique, Cabo-verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Guiné Equatorial. O português chegou em Angola dentro do contexto da colonização do século XVI, juntamente com as políticas dos assimilados, impondo a língua por meio de violência. No entanto, as línguas bantu foram marginalizadas, pisadas e vistas como dialetos (línguas sem estatutos ou língua do cão). Os estudos de Timbane e Santana (2019), nos levam a entender que a separação dos grupos etno-linguísticos de famílias africanas, é consequência daquilo que foi a partilha de África pelos europeus, ou seja, não houve atenção das diversidades cultural e linguística existentes em África.

Dessa forma, depois da descolonização, os países africanos colonizados por Portugal, implementaram o português como língua oficial nos seus países. Que de facto colocou em causa as suas línguas nacionais. Assim, a língua portuguesa em Angola é vista como a principal ferramenta de comunicação em todas as áreas conforme diz a lei da constituição.

Em Angola, a língua portuguesa é oficial, segundo a Constituição da República de Angola (CRA), 2010 (Artigo 19º). Ela é a língua de contacto massiva e acaba por ser língua dominante sobre as línguas bantu e khoisan, ou seja, muita gente procura substituir a sua língua de origem (enquanto dominada) por uma de origem diferente, neste caso o português (como língua dominante). (Sassuco, 2021 p. 16).

E, não só como também tem sido a única língua de ensino e de interação nos contextos formais. Por esses e outros fatores que levaram as línguas locais tornaram-se cada vez mais restritas em alguns lugares ou contexto urbanos (no seio familiar, nos mercados informal, algumas igrejas, pracinhas, nos taxis etc.

2 POLÍTICA E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO

O conceito de políticas linguísticas não tem sido algo definitivo, mas em função do contexto e do tempo, esse conceito tem de ser ampliado e desenvolvido. Em contrapartida cabe-se aqui diferenciar uma da outra. Neste sentido, Calvet (2007, p. 11) define políticas linguísticas como determinação das grandes decisões referente às relações entre as línguas e a sociedade.

E o planejamento linguístico consiste na execução ou implementação, ou seja, procura-se entender as condições que o governo deve criar para implementação de uma determinada língua em diferentes contextos. Mas focando no contexto angolano, surge uma pergunta: Quais línguas o governo angolano deve usar para promover e fortalecer o patrimônio cultural? Dessa forma, para respondermos a essa pergunta basta olharmos na diversidade linguística existente em Angola, em seguida diremos que o governo deve criar mecanismo ou estratégias para implementar o uso das línguas angolana de origem africana. Nesta perspectiva, deve-se criar programas de ensino que ajudem na visibilidade das línguas dessas línguas, de modo serem oficializadas pela constituição da república de Angola.

A política linguística, portanto, pode ser entendida como a ação do governo para uma determinada comunidade visando normalizar o uso das línguas no contexto daquela sociedade, enquanto o planejamento linguística são estratégias do estado de poder para influenciar uma determinada comunidade na utilização de uma língua específica. (Penha, 2023. p. 33).

Partindo desse pressuposto fica claro que toda e qualquer língua bantu pode ser uma língua oficial de um país, mas para que essa ação seja bem executada, é necessário que haja uma boa ação por parte do Governo/Estado em criar políticas linguísticas que atuem na sociedade. Segundo a Petter (2015), diz que uma língua oficial vai ser aquela que é utilizada em diferentes espaços: na administração e na educação, mas nem sempre vai ser aquela língua que tem um elevado número de falantes, mas uma boa parte dos países opta pela língua do colonizador. Foi exatamente por isso que se escolheu o português como língua oficial. Em 1975, ano da independência de Angola, menos 5% da população tinha o português como língua materna. Era língua da minoria, mas mesmo assim foi escolhida.

No entanto, se discute muito sobre a falta de interesse do poder político no que tange às línguas angolana de origem africana. Desde a independência de Angola (1975) até o ano de 2025, nota-se que ainda se vive as mesmas políticas linguísticas impostas pelos portugueses na

era colonial. O Decreto –Lei nº39.666 de 20 de maio de 1954, intitulado “Estatuto dos indígenas portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique”,

O Decreto determina o uso obrigatório do português, mas o mesmo despreza o uso das línguas locais faladas nessas dentro dessas colônias. De um modo geral, essa obrigatoriedade ofusca e desvaloriza a existência das línguas africanas faladas dentro do contexto angolano. O país optou por uma política e planejamento linguístico voltado ao monolíngue e, tendo em conta que Angola é um país composto por povo com diversidade cultural diversidade cultural e etnolinguísticos. Assim, nota-se que existe uma crise de identidade e aceitação das línguas locais na sociedade angolana. Portanto, assim como outros países africanos têm mais de mais de uma língua oficial, acredita-se que em Angola também se pode fazer o mesmo. Exemplo disso é o caso da África do Sul, é um país pertencente ao continente africano, mas que tem 11 línguas oficiais. No entanto, não há problema se o Estado angolano adotasse essa política e oficialize também as línguas angolana de origem africana.

A não oficialização destas e outras línguas de Angola é o mesmo que proibir a manifestação cultural dos povos em espaços formais. A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) em seu Art. 7º diz que “todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções.” Quem deve criar condições necessárias para que isso aconteça é o Estado por meio de políticas linguísticas que favorecem as línguas autóctones. (Kialanda; Timbane, 2023, p. 83).

Angola necessita de uma política de inclusão que abraça e que trabalhe verdadeiramente com as línguas nativas, a fim de que o cidadão se sinta no dever e o privilégio em aprender e a falar as línguas de origem africanas.

Em Angola, nem todos os cidadãos têm o português como a língua materna, existe comunidades cujo português não é uma língua predominante. Então, torna-se difícil quando se olha somente no uso ou na oficialização de uma única língua (português). Esse é o momento e a hora em que o governo angolano deva valorizar as línguas nativas no mesmo nível com o português e as demais línguas estrangeiras.

O português é tido como uma língua majoritária pelo fato de ter maior número de falantes (L1 ou L2), e mais importante pelo fato de ser a língua de interação nacional e língua de comércio para muitos angolanos. Assim sendo, as línguas de origem africanas têm recebido menos valor por parte do governo angolano e, conseqüentemente elas estão sendo vistas como as línguas menos importantes e de pouco interesse.

“Essas línguas são dadas como línguas de minorias por não possuir, segundo o governo angolano, a importância que a língua portuguesa tem para a sociedade angolana nesse sentido, não podem ser denominadas de línguas oficiais” (Penha, 2023, p. 35).

Esse pensamento nos remete ao fruto de uma colonização linguística que veio com o intuito de acabar com as línguas africanas. Os europeus tinham uma imagem muito negativa sobre as línguas africanas, o olhar com desprezo e chamando de língua do cão, dialeto ou língua sem estatuto. Nenhuma língua é inferior ou superior a outras. Logo, todas as línguas demonstram um grande valor para os seus falantes. Assim, acredita-se que qualquer língua pode ser oficializada dentro de um mesmo país, porém, desde que haja um acordo entre o governo e os membros da comunidade.

2.1 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NO SISTEMA DE SAÚDE

Olha sobre o ponto de vista do ramo da saúde, essas mazelas ainda persistem e têm sido cada vez mais intensas. Muitas das vezes os pacientes não são bem atendidos pelo fato deles não terem o domínio do português, as pessoas as vezes têm recebido respostas do tipo: fala o português e não dialeto, aqui não se fala os vossos kimbundu, Lingala, umbundu ou kikongo, Nkhun. Assim, muitos acabam sendo expulsos ou são privados de terem acessos aos bens públicos por não terem o domínio do português.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996) Artigo 16.º diz o seguinte: “Todo o membro de uma comunidade linguística tem direito a exprimir-se e a ser atendido na sua língua, nas suas relações com os serviços dos poderes públicos ou das divisões administrativas centrais, territoriais, locais e supraterritoriais aos quais pertence o território de que essa língua é própria”. O preconceito é um ato de discriminação ou um julgamento de uma língua, cultura ou um grupo étnico sem ter o pleno conhecimento.

A comunicação entre profissional de saúde versus paciente só se torna funcional quando há uma compreensão plena entre os interlocutores. Para tal, torna-se necessário que os profissionais de saúde respeitem o direito do paciente de ser atendido na língua, neste caso, em línguas nacionais (de origem africana), embora o português tenha o estatuto de língua oficial e nacional simultaneamente. (Bernardo; Timbane, 2020, p. 270).

Isso tem sido um dos fatores que tem contribuído para o enfraquecimento das línguas locais. Achar que quem fala em línguas nativas é visto como pessoas do mato ou não civilizado e atrasado. O Kimbundu, Kikongo, Nganguela, Umbundu e as demais línguas que

nos últimos anos tem perdido muitos dos seus falantes, e, isso deu-se por conta da expansão da língua portuguesa. A empatia é algo que nos leva a acolher, integrar, aceitar, abraçar e nos colocar no lugar do outro. Dessa forma, a presença de intérpretes nos hospitais é fundamental para o diálogo entre o médico e o paciente, de modo a cooperar para um bom atendimento.

2.2 POR UM ENSINO BILÍNGUE

Para Antonieta (2020) O ensino bilíngue é tido como um ensino ministrado em duas línguas diferentes (Português e kikongo, português e kimbundu: Umbundu e português). Tendo em conta que as línguas coabitam nos mesmos espaços e, automaticamente elas devem ser utilizadas no mesmo nível dentro das grades curriculares.

O sistema de ensino em Angola é voltado ao monolíngue. As leis de base da educação seguem a mesma linhagem da constituição da república no que tange ao art. 19/ Lei n.º 17/16 de 07 de outubro artigo 16º da Constituição da República de Angola 2010 (O Ensino deve ser ministrado em português). Isso gerou um impacto negativo e, conseqüentemente, afastou indivíduos fora do ensino. Assim, o ensino dessas línguas é necessário e fundamental, tendo em conta que essas línguas demonstram um papel crucial dentro da sociedade. Ensinar nas línguas africanas faz com que haja mais integração entre povos de etnias diferentes, nos ajuda a resgatar os valores morais, culturais, a identidade e os nossos espaços.

No sistema educativo, por exemplo, a língua portuguesa funciona como meio exclusivo de ensino, o que significa que há exclusão das línguas nativas angolanas. A não oficialização das línguas de origem africana atenta contra o plurilinguismo no país e institui cada vez mais o monolíngüismo e a monocultura. Assim sendo, o poder político pode apreciar os argumentos discutidos em política linguística para tomar decisões acertadas em prol das línguas locais, preservando assim a diversidade linguística e cultural angolana (Santana; Timbane, 2012, p. 64).

Enquanto não haver uma política educacional que age de forma igual e olha pelos direitos dos nossos estudantes, de certa forma teremos um déficit no ato do ensino e aprendizado, ou seja, nem todos os angolanos têm o português como a língua materna. Existem regiões de Angola em que o português não é uma língua predominante, mas é importante que essas pessoas sejam ensinadas em suas línguas nativas e o português poderia ser implementado como uma segunda língua a ser ensinada.

Por mais que se pense em um projeto de inclusão do ponto de vista das línguas nativas no sistema de ensino, como já tem sido uma realidade em algumas instituições do ensino

superior em Luanda. Portanto, isso não será suficiente para o processo de ensino e aprendizagem. Conforme afirma o Kalunga, citado por Ezequiel.

Aprender na língua nacional primeiro faz com que esses alunos entrem numa certa visão, tenham uma certa visão do mundo [...]. É que o português aqui mete-se em cima das línguas nacionais, as pessoas pensam diretamente ou indiretamente nas línguas nacionais [...] (Kalunga, 2017 *apud* Bernardo; Severo, 2019).

Assim, para Cristine; Daniel e Ezequiel (2019) afirma que: os currículos da educação em Angola estão divididos em três sistema: no ensino primário ou ensino de base (1^o classe até 6^o classe) ensino secundário (vai ser seis classes, mas para os cursos pré-universitário vão agregar sete classes, ou seja, até 13^o classe). E também se nota a presença das línguas locais dentro do contexto.

Pelo que se vê, esse facto tem sido um dos motivos que tem levado muitas crianças ou até mesmo os jovens a abandonar a escola, principalmente nos contextos rurais. Isso só acaba dificulta o entendimento e a visão de mundo que esses alunos acarretam, sendo que dentro desta mesma instituição existem indivíduos que não dominam ou não falam o português.

Portanto, é fundamental e necessário que essas línguas sejam implementadas desde o ensino de base. Assim, facilitará o diálogo entre o professor e os demais alunos. De acordo com o pensamento de José Fernando (2023) afirma o seguinte: Uma das melhores formas das escolas saber lidar com a questão da diversidade linguística e cultural é por meio da valorização dentro do currículo.

O cenário educacional monolíngue de Angola tem suscitado inúmeras indagações, dentre as quais o questionamento sobre o alto índice de reprovações e elevado número de abandono escolar, resultante da exclusão social das comunidades que têm as línguas nacionais como as de comunicação; essas línguas são muitas vezes marginalizadas pela escola. Por exemplo, quanto ao abandono escolar, um contato com professor local da escola primária do Nguvu, em Malanje, revelou que cerca de 40% dos alunos chegam a desistir da escola, e 30% de alunos chegam a reprovar no ano 2. Essa realidade tão comum em escolas de contextos rurais levou Angola a adotar um Projeto de Ensino Bilíngue. (Bernardo; Severo, 2019, p. 225).

De acordo com o pensamento dos autores, isso tem sido uma grande realidade dentro do contexto angolano e, sobretudo no sistema de ensino. Isso trata-se de uma pedagogia culturalmente sensível, isto é, as escolas devem respeitar as diferenças e as diversidades linguísticas, cultural e religião dos alunos. Portanto, os alunos se sentem excluídos desde o momento que as escolas não fazem algo para que esses alunos se sintam representados culturalmente.

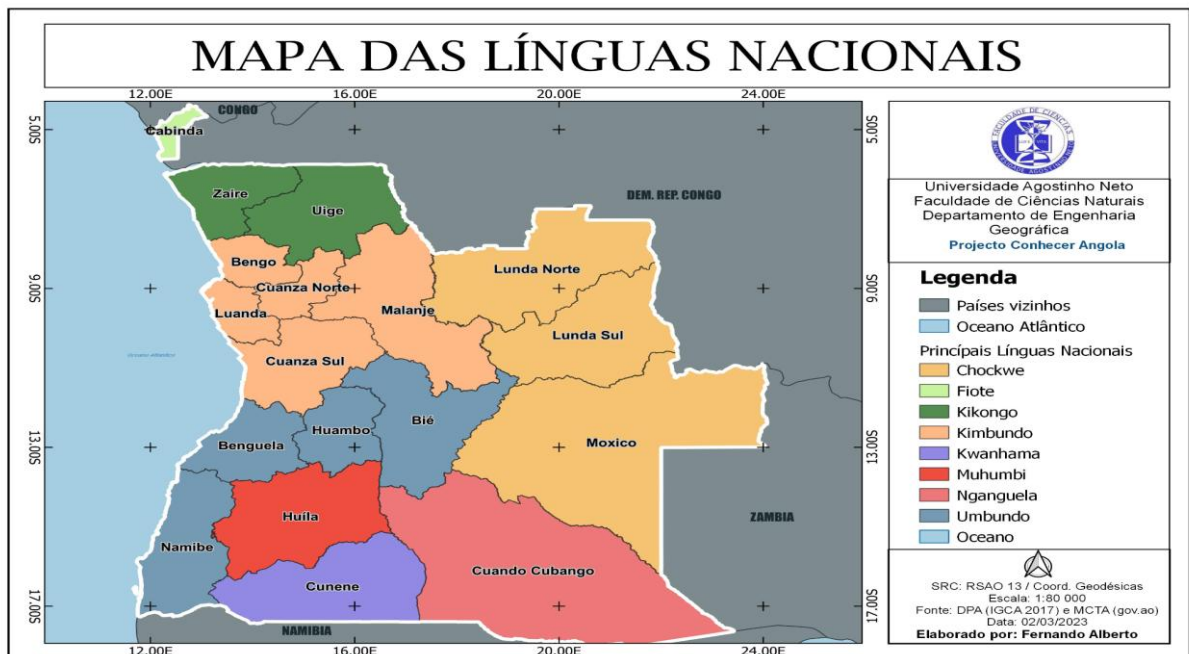
2.3 LÍNGUAS DE FRONTEIRAS

Podemos entender que Fronteiras são limites que separam um país do outro, mas no caso dos países africanos, essa divisão foi feita pelos europeus no período da partilha de África, ou seja, dentro do contexto da colonização europeia. Tanto que provocou a separação de muitos grupos e a perda de muitas línguas de origem africana.

Quando se discutiu a noção de línguas nacional falamos que os africanos não participaram da partilha de África em 1884/1885. Tudo foi decidido pelo ocidente e implementado à revelia dos africanos. A noção de país na visão dos grupos populacionais da África negra é a etnia, é o grupo de família. A imposição dos limites geográficos foi um golpe importante para os africanos porque famílias foram separadas por fronteiras artificiais. (Penha, 2023, p. 46).

Portanto, existem línguas fronteiriças como: o Lingala e o kwanyama. Tratar-se de dois países que fazem fronteiras, permitindo a expansão da língua Lingala no território angolano. Porém, a guerra civil e as condições de vida foram um dos fatores que levaram muitos irmãos congoleses a se instalarem no território angolano. Para Ndombele (2017), embora o Lingala seja uma língua que surge na República Democrática do Congo, ela não está agrupada no conjunto das línguas nacionais de Angola, mas ao longo do tempo vem ganhando espaço na sociedade angolana.

Figura 2 - Mapa Linguístico das línguas nacionais



Fonte: Google imagem.

A expansão dessa língua se dá por conta do seu uso em diferentes contextos como: nos mercados informais, nos táxis, nas ruas, igrejas e nas vizinhanças. Muitas crianças aprendem o Lingala como língua materna dentro do seio familiar. Por outro lado, essa língua tem sido um meio ou canal que também tem facilitado na transação de comércio (a venda e troca de mercadorias entre os falantes dessa língua), a mais chance para um cliente ganhar desconto no preço de um bem quando ambos falam o Lingala (o vendedor e o comprador).

2.4 LÍNGUAS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Segundo Bagno (2009) Entende-se de preconceito linguístico como series de afirmações que se criam carregada de uma imagem negativa que se tem em uma determinada língua falada, ou seja, um ato de discriminação ou julgamento de grupos étnolinguísticos.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (artigo 38º) afirma: Ninguém consegue ver ou apalpar uma língua, não existe uma língua espécie de um objeto dentro do museu ou de um outro lugar que fique por muitos anos parado, mas conseguimos ver os falantes que fazem essa língua. Assim, falar de uma língua é falar de indivíduos que falam essa língua, logo, discriminação de uma língua exclui a presença de outros povos ou comunidades de fala.

A visão que se tem sobre o português como a língua de prestígio e de poder, automaticamente exclui a presença de outras línguas dentro de um contexto, ou seja, a violação dos direitos linguísticos consiste no impedimento de um indivíduo usufruir das línguas africanas faladas em Angola. E isso é um caso muito comum em Angola (Luanda). Assim, essa forma de se pensar, contribuiu muito para o afastamento de outros povos, mas como também no enfraquecimento das línguas a perda de valores.

Portanto, o princípio disso parte das leis criada pelos políticos ao estabelecer apenas o português como língua oficial na constituição da república de Angola. No entanto, colocou em causa as línguas nacionais, de modo que essas línguas foram excluídas e restritas em contextos formais. Esse preconceito ocorre em muitos cantos de Angola, a forma como olhamos o português e desprezamos a existências de outros grupos linguísticos, de forma direta tem causado a separação dos grupos linguísticos e a exclusão de outras culturas.

Em muitas regiões de Angola, o preconceito linguístico tem crescido cada vez mais, de tal forma que o português passou a ser considerado como a língua com mais valor e de estatuto e, desfavorecendo as outras línguas. Esse preconceito não ocorre somente aos falantes das línguas angolana de origem africana, mas também dos falantes que têm uma variedade diferente do português, sobre tudo da região de Luanda e de outras províncias. Mas isso trata-se de

contato linguístico entre o português e as línguas angolana de origem africana, havendo influência da língua materna com as demais línguas.

O Lingala é uma língua proveniente da República Democrática do Congo, e tem sido rejeitado e afastado por muitos angolanos. Infelizmente o Lingala é visto como uma língua feia e sem valor, ainda mais na capital de Angola. Portanto, esse preconceito levou muitas pessoas a deixarem de conviver com os falantes do Lingala. Não há uma integração entre esses falantes, ou seja, os falantes de português preferem conviver entre si, Português do que pessoas que falam o Lingala. A ideia que se tem em associar o Lingala com a expressão **langa**, tem gerado revolta por parte desses falantes. (**langa**) é um termo pejorativo que demonstra a discriminação, utilizado para se referir os cidadão da República Democrática do Congo, mas como também aos falantes do lingala que vivem em Angola. Com base na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (Artigo 41.º) afirma que “ Todas as comunidades linguísticas têm direito a usar a sua língua e a mantê-la e promovê-la em todas as formas de expressão cultural”.

Essa atitude impede o conhecimento desses grupos etnolinguísticos e a expansão dessas línguas, de modo que o português começou a ganhar mais destaque e, sobretudo em contexto mais urbanizados. Isso nos deixa claro a ausência de uma política voltada ao multilinguismo, tendo em conta a grande diversidade linguística e cultural que Angola apresenta. Assim, existe uma diferença entre o conceito de multilinguismo e plurilinguismo. Para Gonçalves e Andrade (2007) afirma que o plurilinguismo está relacionado com o desenvolvimento das competências, ou seja, é algo individual e, que cada indivíduo busca desenvolver esse repertório em função dos conhecimentos já obtido. Dessa forma, o falante apropria-se de diversas línguas.

Souza e Sá (2022) O multilinguismo dá-se em momentos pelo qual os falantes se apropriam de diversas línguas, permitindo a interação entre duas ou mais línguas. Dessa forma, esse fenômeno tem sido as causas dos problemas na sociedade angolana. Existem espaços formais em que não são permitidos o uso de línguas africanas como: Hospitais, Bancos, Shopping, Restaurantes, escolas, lojas de registos etc. Nas escolas, o português é a única língua de interação social e, até certo ponto existem indivíduos que têm o Kimbundu, kikongo, Nkanguela, Nkhun ou Umbundu como língua materna, mas, ainda assim, essas pessoas são obrigadas a deixar de usar as suas línguas maternas dentro daquele espaço.

2.5 O LUGAR DAS LÍNGUAS AFRICANAS FALADAS EM ANGOLA

Sendo Angola um país com diversidades linguísticas e com diferentes grupos étnicos, há uma necessidade de haver um resgate sobre as línguas africanas faladas em Angola. Com a

implementação do português como a língua oficial de Angola desde a independência de 1975 fez com que outras línguas perdessem o seu estatuto. Essa visão tem sido a consequência de um pensamento eurocêntrico sobre as línguas africanas, isto é, no sentido de um indivíduo africano olhar para as línguas angolanas como línguas sem valor, línguas estranhas, feia ou línguas que não devem ser usadas. Portanto, quando falamos de espaços, nos referimos aos contextos no qual essas línguas serão utilizadas, sem qualquer restrição, impedimento ou exclusão das mesmas.

2.6 AS LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANAS EM DIFERENTES CONTEXTOS

O português tornou-se a língua materna de muitos angolanos por conta de alguns fatores e, automaticamente acabou ganhando mais espaço em relação as línguas as línguas nativas de Angola. Dessa forma, essas línguas desempenham um papel fundamental em diferentes contextos como: Alambamento (casamento tradicional), contos de histórias, nas escolas, Hospitais, nas reuniões familiar e na religião etc.

O alambamento é um casamento tradicional dentro do contexto angolano, o homem não deve se relacionar ou ter filhos com a mulher sem primeiro pedir a mão da mulher, isto é, por meio deste ritual (alambamento). É de costume que na cultura angolana as cerimônias do alambamento (casamento tradicional) é decorrido na língua nativas pertencente ao grupo étnico da família. Assim, essa cerimônia não é feita de forma aleatória, ou seja, são selecionadas pessoas experientes para conduzir o assunto. Em certos momentos são feitos alguns rituais típicos da cultura africana. Mas quanto ao uso da língua é algo que tem variado bastante a depender da região.

Nos contextos urbano, os assuntos do pedido têm decorrido nas seguintes línguas: português e kikongo; português e Kimbundu; português e umbundu, Lingala e Português, diferente de zonas rurais. O uso de duas línguas acontece pelo facto de alguns não terem o domínio do português ou de uma das línguas angolana de origem africana. No entanto, em outras províncias prevalece a língua predominante daquela região, pode se fazer o uso do português, mas não tanto como em em zonas urbanas.

2.7 AS LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANAS NOS CONTEXTOS RELIGIOSOS

A religião é uma instituição que preserva a vida do homem para com Deus, pregando mensagem de salvação e arrependimento. De tal modo que o estado reconhece às instituições religiosas e as igrejas por sua vez deve se posicionar de modo a não ferir os princípios da constituição da república de Angola (CRA 2010) conforme afirma no seu (artigo 10º) o ponto 1 diz o seguinte: “A República de Angola é um Estado laico, havendo separação entre o Estado e as igrejas, nos termos da lei” e dando sequência, o ponto 2 diz o seguinte: “O Estado reconhece e respeita as diferentes confissões religiosas, as quais são livres na sua organização e no exercício das suas atividades, desde que as mesmas se conformem à Constituição e às leis da República de Angola”. Quando falamos de religião, quero aqui especificar que nos referimos propriamente a religião cristã de Angola.

Assim, a igreja tem um papel fundamental na preservação e na expansão das línguas africanas dentro da comunidade angolana. O objetivo da igreja não é somente transmitir o evangelho, mas também respeitar as normas, os princípios, os valores morais e culturais. Podemos ver que nem todas as línguas são utilizadas dentro do contexto religioso, mas a depender da região, dependentemente de cada povo e cada igreja, mas em muitas podemos encontrar a presença das línguas como: O Kimbundu, Lingala, Kikongo e Umbundu etc. Está sendo difícil encontrar o uso do umbundu nas igrejas de Luanda, isso dá-se também pelo fato de não se ter um número elevado de falantes nesses espaços. O Kimbundu e Kikongo pelo fato de ter mais povos oriundo dessa etnia. Assim, destacam-se as igrejas IASD, I.E.B.A e a CATÓLICA.

A **IASD** (Igreja Adventista do Sétimo Dia) tem cooperado muito naquilo que é a valorização das línguas angolana de origem africana. O kimbundu é usada dentro desse contexto por seguintes razões: Por ter grande parte dos seus membros pertencente ao povo umbundu, a questão da integração entre os membros que convivem no mesmo espaço, o diálogo e a compreensão da mensagem transmitida. Sendo que existem pessoas com dificuldades de compreender a língua portuguesa.

Por outro lado, existem outras igrejas como I.E.B.A (Igreja Evangélica Baptista em Angola) e I.E.C.A (Igreja Evangélica Congregacional em Angola), que tem sido frequentado por membros de etnia bakongo e congolezes. Por essa razão que tem se utilizado muito o Lingala e o kikongo, por se tratar de falantes que partilham a mesma língua. Logo, nota-se que a língua portuguesa é utilizada dentro desses espaços em função da compreensão, e o mesmo

vai acontecer dentro das igrejas **Católica** de Angola, que também tem contribuído na expansão da língua kikongo, como podemos ver nos grupos coral. Tendo em conta que na igreja católica há uma junção de etnia como bakongo, ovimbundu, diferente de outras instituições religiosas.

Portanto, podemos afirmar que nos contextos religiosos, as línguas nativas estão sendo respeitadas e valorizadas. Atendendo a necessidades de outras pessoas que não têm o português como primeira e nem a segunda língua.

Figura 3 - Tradução da bíblia na língua umbundu

lia lukiwa

EFETIKILO

1 Poku fetika Suku wa sovoia ilu losi. 2 Osi ya kala fio upolokoso, ka mua kaile cimue. Owelema wa sikilille ocipala cokalunga. Espiritu lia Suku lia endela kilu liovava.

3 Suku yu wa linga hati, Ku iye ocinyi, kuenje ocinyi ceya. 4 Suku wa möla ocinyi okuti ca posoka. Suku wa tepisa ocinyi lowelema. 5 Suku wa luka ocinyi hati, Utanya. Owelema wo luka hati, Uteke. Kuenje kua kala oñolösi, kua kalavo omële, eteke liaco olio mosi.

6 Suku yu wa linga hati, Pokati kovava pa kale epuluvu, li tepise ovava lovava. 7 Suku yu wa lulika epuluvu li tepisa ovava a kala vemëhi iepuluvu liaco, lovava akuavo a kala kilu iepuluvu. Haico ca lingiwa. 8 Suku yu wa luka epuluvu liaco hati, Ilu. Kuenje kua kala oñolösi, kua kalavo omële, eteke liaco olio vali.

9 Suku yu wa linga hati, Ovava a kasi vemëhi ilu a likongele pamosi, ongongo yi mölehe. Haico ca lingiwa. 10 Suku wa luka ongongo hati, Osi. Oku kua likongela ovava wa lukako hati, Okalunga. Suku yu wa ci möla okuti ca posoka. 11 Suku wa linga hati, Osi yi tunde owangu, loviküla vimaime olombuto, loviti viapako vimaime apako ndapata avio, omo muli ombuto yaco, vilu lieve. Haico ca lingiwa. 12 Osi ya tunda owangu, loviküla via imaima olombuto ndapata avio, oviti viapako vi kuete ombuto yaco ndapata ao. Suku wa ci möla okuti ca posoka. 13 Kuenje kua kala oñolösi, kua kalavo omële, eteke liaco olio tatu. 14 Suku yu wa linga hati, Ku kale ovinyi kepuluvu liokilu oku tepisa utanya luteke; vi linge olondimbukiso violotembo loloneke lanyamo; 15 vi linge ovinyi kepuluvu liokilu, hä ha vi taimila kilu lieve. Haico ca lingiwa. 16 Suku yu wa lulika ovinyi vivali vinene, ocinyi ca velapo ci viala kutanya, ci sule ci viala kuteke, wa lulikavo olombungululu. 17 Suku wa vi kapa kepuluvu liokilu oku tuila kilu lieve, 18 loku viala kutanya lokuteke hä ha vi tepisa utanya lowelema. Suku yu wa ci möla okuti ca posoka. 19 Kuenje kua kala oñolösi, kua kalavo omële, eteke liaco olio kuäla.

20 Suku yu wa linga hati, Vovava mu siate ovitundo vioviendalomuenyo, olonjila vi palälalle vilu vepuluvu li kasi pokati kilu lopusi. 21 Oco Suku wa sovoia ovimuandu vinene viovokalunga loviendalomuenyo viosi vi litevateva, viosi via siata vovava ndapata avio; lolonjila viosi vi päälala, ndapata avio. Suku wa ci möla okuti ca posoka. 22 Suku yu wa vi sumülülsa hati, Liciti, siati, yuki vovava okalunga, lolonjila le vi siate kilu lieve. 23 Kuenje kua kala oñolösi, kua kalavo omële, eteke liaco olio tälo.

24 Suku yu wa linga hati, Kilu lieve kuiye ovinyama ndapata avio, ovinyama viovimbo, lovipuka, lovinyama viovusenge ndapata avio. Haico ca lingiwa. 25 Suku yu wa lulika ovinyama viovusenge ndapata avio, lovinyama viovimbo ndapata avio, lovipuka viosi vi likoka posi ndapata avio. Suku wa ci möla okuti ca posoka.

26 Suku wa linga hati, Tu luliki omunu ukuacilembia cetu, ukuasetahälo lietu hä ha viala kolösi viovokalunga, lololonjila viovusenge, lokovinyama viovimbo, lokoluali luosi kuenda kovipuka viosi vi likoka posi. 27 Suku yu wa sovoia omunu ukuacilembia caye, ukuacilembia caye muële Suku a sovoia, ulume lukäi wa va sovoia. 28 Suku wa va sumülülsa. Suku wa va sapuila hati, Liciti, siati, yukisi oluali, lu yuli, viali kolösi viovokalunga, lololonjila viovusenge, lokovinyama viosi vi fiuala fiuala kilu lieve. 29 Suku yu wa linga hati, Tali, ndo wibi oviküla viosi vi kasi vengongo yosi yokilu lieve, vina vimaime olombuto, loviti viosi vimaime apako a kuete ombuto; vi linge okulia kuene. 30 Ovinyama viosi kilu lieve, lolonjila viosi viovusenge, lovipuka viosi vi likoka posi, vi kuete cfela yomuenyo, okulia kuavio oviküla viosi vi talala. Haico ca lingiwa. 31 Suku yu wa ci möla okuti ovina viosi a lulika via posoka. Kuenje kua kala oñolösi, kua kalavo omële, eteke liaco olio epandu.

2 Oco ilu losi lovina viosi vi kasimo via malusuka oku lulikiwa. 2 Eteke liepanduvali oco Suku a malusula upange waye a linga; yu wa puyuka eteke liepanduvali

2.8 AS LÍNGUAS ANGOLANAS NA MÍDIA

A rádio é um dos meios de comunicação indispensável dentro de uma comunidade, os seus bons efeitos têm contribuído para o desenvolvimento intelectual dos seus ouvintes. Estou de acordo com o pensamento de Sara (2007), afirma que quanto a questão da invenção da rádio, o mérito não recai somente para um único inventor, mas para vários cientistas que estiveram envolvidos a fim de realizar a descoberta.

Podemos encontrar as presenças das línguas nativas de Angola no que tange a mídia. Dessa maneira, tornou-se um dos principais meios de expansão das línguas nacionais de Angola a nível mundial, mais ainda assim, necessitamos de usá-las com mais frequências.

2.9 RÁDIO NGOLA YETU

Uma das formas que se tem de levar a informação e promover as línguas africanas faladas em Angola tem sido por meio deste canal. Assim, a rádio Ngola Yetu é um dos 5 canais que fazem parte da rádio nacional de Angola, mas ao longo do tempo foi se desenvolvendo pela expansão das línguas locais de Angola.

Figura 4 - Logotipo da radio ngola yetu



Fonte: Google imagem

O objetivo deste canal é de transmitir as informações somente nas línguas locais como: kimbundu, kikongo, Umbundu, Fiote, Nganguela, Kwanyama, Cokwe, Helelo, Nyaneka etc. Ao decorrer do tempo, a rádio ngola yetu teve grande destaque na expansão massiva das línguas nacionais em todo território angolano.

A Rádio Ngola Yetu um canal autônomo que passou a fazer transmissão em 14 línguas nacionais; em onda Curta, Média e Frequência Modulada, a partir dos estúdios centrais em Luanda. A Rádio Ngola Yetu dispõe de um lugar privilegiado, é segunda emissora se não o primeiro maior canal da Rádio Nacional de Angola, com uma altíssima audiência em todas as províncias do país (Felgueira, 2018, p. 79).

O termo **NGOLA YETU** provém de língua bantu, especificamente da língua Kimbundu, que significa nossa Angola. Por esse ângulo, a rádio Ngola yetu é um canal que foi feito com a finalidade de se dedicar somente nessas línguas, é benéfico e ao mesmo tempo interessante de modo que, ela traz consigo alguns pontos positivos como: a promoção das línguas em todo território nacional de Angola e facilita na compreensão da informação em várias províncias e municípios. Portanto, um dos pontos negativos que podemos apontar é o silenciamento dessas línguas nos meios de comunicação: a rádio e a televisão. Assim, conseqüentemente gera um impacto negativo na sociedade e, principalmente, nas pessoas que vivem no interior de outras províncias, tendo em conta que muitas dessas pessoas também necessitam de informações.

3 EMISSORAS EM ANGOLA

Até o ano de 2008, a TPA era a principal via de transmissão e comunicação em todo território angolano, mas foi precisamente a criação de uma nova rede de transmissão privada (TV Zimbo) com a mesma finalidade da TPA. Vou de acordo com o pensamento do Songa e Dias (2015), diz que a criação do JN (Jornal Nacional) deu-se em função da necessidade dos falantes, ou seja, além de identificar um determinado povo ou etnias, também facilita a compreensão da informação, uma vez que nem todos são falantes de português.

O JN é transmitido todos os dias, nos canais 1 e 2 da TPA, em oito línguas, consideradas as mais faladas no país, ou seja, as que predominam por conterem maior número de falantes em Angola. São elas o Fyote, Cocwe, Nganguela, Kikongu, Kimbundu, Umbundu, Kwanyama e Nhanheka Humbe. (Songa; Dias, 2015, p.2-3).

Em seguida surge a implementação da TPA Internacional (TPAI). Criado com o objetivo de levar as informações e a cultura angolana a outros cantos do mundo. Portanto, fica claro que existe sim uma presença das línguas nativas de Angola dentro das cadeias televisivas de Angola, mas em um curto tempo.

Ainda segundo relato no site da emissora⁶, a TPA, hoje, é o principal veículo de informação do país, estando presente na maioria dos lares de Angola com três canais. São eles: TPA 1, generalista e principal estação, TPA 2, com enfoque para o entretenimento e juventude, e a TPA Internacional, para atender a diáspora angolana e não só, promovendo desta maneira a imagem de Angola no exterior. (José Felgueira, 2018, p. 29).

Até certo ponto, é muito importante que a televisão pública de Angola faça a expansão das línguas locais, mas no que tange a sua visibilidade, ainda se torna um problema. Portanto, as línguas necessitam de mais tempo de transmissão atendendo a questão de igualdade e respeito aos outros grupos étnicos. O facto de a maior parte das notícias terem somente a transmissões em português, e isso tem sido um desrespeito ao patrimônio cultural, mas como também tem sido uma exclusão para com as outras pessoas.

Por uma questão de igualdade e de inclusão, seria bom que cada transmissão em português pudesse ser acompanhado por uma língua nativa. Por exemplo, muitos dos jornalistas da TPA são treinados e exigido a aprender o português, ou melhor, aquilo que muitos olham como o português padrão (português de Portugal). Mas deixam de lado o uso das línguas locais. Assim, os principais programas televisivos.

3.1 PROGRAMAÇÃO DE 24H DA TPA1 E 2

07:00 –Bom dia Angola
 09:00- A sua manhã
 11:30-12:15 Saúde em Dia
 12:15-12:45 Noticiários em Línguas Nacionais
 12:45-13:00 Interlúdio
 13:00-14:00 Jornal da Tarde
 14:00-14:30 África Hoje
 14:30-17:00 Janela Aberta
 17:00-18:30 Ecos & Factos
 18:30-19:00 Reviravolta
 19:00-19:30 Interlúdio
 19:30-20:00 Superbrands
 20:00-21:30 Telejornal
 21:30-21:35 Boa Noite
 21:35-22:35 Alô Angola
 22:35-23:05 Ecrã
 23:05-00:00 Saúde em Dia

Programação de 24h TPA2

10:30 TPA Music
 11:00-12:00 Tele-Aulas
 12:00-12:30 Hora de Agir
 12:30-13:00 Diário Desportivo
 13:00-14:00 Tele-Aulas
 14:00-15:00 Nossa Geração
 15:00-16:00 TPA Music
 16:00-17:00 Caneta
 17:00-18:00 TPA Music
 18:00-18:30 Diário Desportivo
 18:30-19:00 TPA Music

19:00-20:00 Diálogo Cultural
20:00-21:00 TPA Music
21:00-21:30 Desporto Internacional
21:30-22:00 TPA Music
22:00-00:00 Jogo

Tal como se pode observar na Programação apresentada há poucos momentos dedicados às línguas locais. Este fenómeno ocorre devido ao estabelecimento de política linguística que não atende as realidades sociolinguísticas da comunidade angolana.

4 RITMOS MUSICAIS

A música é uma arte no qual o cantor exprime os seus pensamentos, sentimentos e as suas emoções. Tendo em conta que o poder significativo que ela tem, tem impactando de forma positiva na vida dos ouvintes. Trazendo a paz, tranquilidade, a curar e aliviar a alma. Assim, por meio dela podemos transmitir uma informação, mensagem ou até mesmo certos conhecimentos. A dança e os gestos são dois elementos interligados e ambos são fundamentais para a compreensão da mensagem cantada.

As músicas tradicionais são cantadas em línguas angolana de origem africana, com ajuda de alguns instrumentos musicais como: Batuque, Sacaia, Marimba, a dikanza, ngoma e etc. Para esse estilo, destacam-se os principais grupos musicais: os Tunjilas Tuajokota, Os Socorro, Tata Ngana, Trio Kussanguluka. Yuri da Cunha, Teta Lando etc.

Figura 5 - Grupo os Tunjilas Tuajokota



Fonte: Google imagem

Toque da Minha Mãe

Tunjila Tuajokota, Muzongue Walulo, Tf do PôsteR!

É, é, é, é! Só você que dança não ensina

Só você que dança não ensina ché!

Agora é minha vez, vou dançar tipo minha mãe (ngumono)

Vou dança tipo minha mãe (ngumono)

O toque é fácil o toque é assim

O toque é fácil o toque é assim, ché!

Olha o toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe! (wów)

O toque é fácil o toque é assim

O toque é fácil o toque é assim, ché!

Olha o toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów), (ngumono)

Taloxima macota ó bingaqueno molongue

Taloxima macota ó bingaqueno molongue, molongue

Ó bingaqueno molongue, molongue

Ó bingaqueno molongue, (pirra!) toma vamos!

Caxexe que a mamã, caxexe que a tatá

Caxexe que a mamã, caxexe que a tatá!

(Ngumono) que a mamã! (wéua) que a tatá!

(Ngumono) que a mamã! (wéua) que a tatá! (Ei! E)

É é é é!!! Só você que dança não ensina

Só você que dança não ensina ché!

Agora é minha vez, vou dançar tipo minha mãe (ngumono)

Vou dança tipo minha mãe (ngucmono)

O toque é fácil o toque é assim

O toque é fácil o toque é assim, ché!

Olha o toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)

O toque da minha mãe (wów)
 O toque é fácil o toque é assim
 O toque é fácil o toque é assim, ché!
 Olha o toque da minha mãe (wów)
 O toque da minha mãe (wów)
 O toque da minha mãe (wów)
 O toque da minha mãe (wów), ché!

Nguibane dies ocuto emba!
 Nguibane dies ocuto emba! Emba! Embaaa! (ngucmono)
 Caxexe que a mamã, caxexe que a tatá
 Caxexe que a mamã, caxexe que a tatá!
 (Ngumono) que a mamã! (wéua) que a tatá!
 (Ngumono) que a mamã! (wéua) que a tatá!

Perola

Omboio

Kumossi we, kuvali we
 Kutende kuli kuangula
 Otchinãma hossi ya londa ko Munda
 Ika Iya o ndende ko mbonga
 Ngulo wé!
 Nda ku maye yaya ooo
 Nda ku tate yaya ooo
 Ndi ka tambula o wanga
 (Ndenda ku maye yaya ooo)
 A mãe Ndi ka tambula o wanga
 (Nda ku tate yaya ó)
 Ai Ndi ka tambula o wanga
 (Nda ku maye yaya ó)
 Avoyo Ndi ka tambula o wanga
 (Nda ku tate yaya ó)

Ai Ndi ka tambula o wangué
 (Nda ku maye yaya ó)
 A mãe Ndi ka tambula o wangaaa
 (Nda ku tate yaya ó)
 É é é é
 Olohombo kepia kepia
 (Olo malanga kimbo)
 Olohombo kepia kepia
 (Olo malanga kimbo)
 Aie ka tuli vali
 (Aie tuekuta)
 Aie ka tuli vali
 (Aie tuekuta)
 Heya!
 Lupuka, lupuke
 Heya, ééé
 Heya, he!
 Lupuka, lupuke
 Ooo mboyo ikola
 Ahaaa!
 Ooo mboyo ikola
 Eheee! (lupuka, lupuke)
 Ooo mboyo ikola (o mboyo yende)
 Ayaaa! (oyoyo o mboyo yende avoio)
 Ooo mboyo ikola (mboyo yende)
 Oooo! (oyoyo o mboyo yende avoio)
 Mboyo o mboyo ikola (ilupuke)
 Aiiii! (oyoyo ilupuke avoio)
 Mboyo o mboyo ikola (ilupuke ota)
 Aiiii! (oyoyo ilupuke avoio)
 Mboyo o mboyo ikola (italame!)
 Ayaaa! (oyoyo italame avoio)
 Mboyo o mboyo ikola (italame!)
 Ayaaa (oyoyo o mboyo yende avoio)

Mboyo o mboyo ikola (issussume)
 Ayaaa! (oyoyo issussume avoio)
 Mboyo o mboyo ikola (issume ame)
 Ayaaa! (oyoyo o mboyo yende avoio)
 Mboyo o mboyo ikola
 Lupuka tuende
 Katuka lika Iyove
 Tchipopo o kuetu
 (Mboyo o mboyo ikola)
 Lupuka tuende
 Katuka lika Iyove
 Tchipopo ukuetu
 (Mboyo o mboyo ikola)
 Lupuka tuende
 Katuka lika Iyove
 Tchipopo o mayi
 (Mboyo o mboyo ikola)
 Lupuka tuende
 Katuka lika Iyove
 Tchipopo o ukuetu
 (Mboyo o mboyo ikola)
 Liliiii
 Aiii!
 Mboyo o mboyo ikola
 Ohooo (oyoyo mboyo yende avoio)
 Mboyo o mboyo ikola

Totó

Nga Sakidila

Chamaram-me nomes no mundo dos homens
 Disseram que nada mais estava pra além da morte
 Viraram-me as costas

Atiraram-me pedras
 Disseram que estava entregue à minha sorte
 Cantaram vitória pela minha penuria
 Disseram que não viriam só

Que estava preso em aranha
 Mas alguém escreveu certo em linhas tortas
 Me devolveu espectro e abriu-me a porta

Nga sakidila tata
 Ndapandula ngana tutondele
 Nga sakidila tata
 Ndapandula ngana tutondele
 Nga sakidila tata
 Matondo ué matondo
 Nga sakidila ngana
 (Nga sakidila nga sakidilé)

Me devolveu a vida
 Mostrou-me a saída
 Ensinou-me que tudo é possível para quem crê
 Sarou-me as feridas e me abriu as portas
 E disse meu filho vá e ande pela fé
 Alguém escreveu certo em linha torta
 Me devolveu espectro e abriu-me as portas

Nga sakidila tata
 Ndapandula ngana tutondele
 Nga sakidila tata
 Ndapandula ngana tutondelé
 Nga sakidila ngana
 Matondo ué matondó

Nga sakidila ngana

Nga sadikila
 (Nga sakidila)
 (Ngana) nga sakidila
 (Ndapandula ngana heé)
 Nga sakidila
 Nga sakidila
 Ngaaa sakidila
 Nga sakidila
 Ngana
 Nga sakidila
 Nga sakidila ngana
 Nga sakidila ngana
 Ngaaa sakidila.

Além desse, existem outros estilos musicais que são cantadas em português, mas que em algumas letras encontramos frases ou trechos em kimbundu, kikongo, umbundu, nganguela e etc. Estilos musicais como: kuduro e o semba. Para o estilo kuduro temos os seguintes artistas: Puto Lilas, Game Wala, Pai profeta. No semba temos cantores como: Paulo Flores, Carlos Lamatine, Totó, Bangão, Maya Cool, Carlos Burity, Voto Gonçalves, Irmãos Almeida, Adão Gonçalves, Bonga etc. Essa promoção conserva e valoriza as línguas nacionais. Porém, também fortalece a própria música angolana.

Kuduro

Puto Lilas-**Minha mãe**

<https://youtu.be/Jxt5KMoXio0?si=2TKOWKld-vzDWxDV>

Pai Profeta ft Charlesbois Poaty- **Da Boneca**

https://youtu.be/CJkzlixnj_g?si=o4ohaF7ySJvDFqcg

Como podemos ver nas duas músicas de kuduro, a maior parte da letra é cantada em português, mas algumas estrofes foram cantadas nas línguas angolanas de origem africana.

4.1 A IMPORTÂNCIA DAS LÍNGUAS NACIONAIS NOS NOMES PRÓPRIOS

De tal forma que a língua é um sistema de interação social, é uma identificação cultural de uma comunidade de fala. Independentemente de qual for a cultura, acredita-se que todos os povos procuram preservar a sua identidade e as suas origens. Portanto, focando naquilo que é a cultura de Angola, é do nosso conhecimento que as línguas nativas acarretam as marcas, raízes, identidade e a cultura de um povo.

Angola é vista como uma sociedade conservadora no que diz respeito a sua cultura, cada etnia procura preservar os seus princípios e valores. Assim, os nomes são estabelecidos em função de cada grupo etnolinguístico, ou melhor, esses nomes demonstram um grande significado dentro da própria cultura. Dessa forma, cada nome representa uma etnia, ou seja, podemos descobrir a região ou etnia de uma pessoa por meio do seu nome.

Nas comunidades conservadoras tradições, os nomes não é apenas uns simples nomes, pois carrega sentido semânticos e, sobretudo, culturais inexistentes em outros grupos. De acordo com as tradições angolanas, quando uma criança nasce ela recebe dois nomes: um tradicional (de tradição) e outro oficial (poder político). De forma geral, o nome indica o começo de um provérbio que faz referência a um acontecimento. Significa que o nome tradicional carrega elementos culturais profundo de tal forma que basta dizê-lo para se descobrir qual é a etnia, a região de proveniência e, provavelmente os parentes mais próximos (pai, avós, bisavós) de uma pessoa. (Kialanda *et al.*, 2019, p. 73-74).

Na etnia bakongo é muito comum usar os nomes como: Mafuta, Makiesse, Malungo, Luvumbu, Samucongo, Nzuzi, Tsimba, Ndombele, Lando etc. (**Nzuzi e Tsimba**) são nomes atribuídos para se referir aos gêmeos, isto é, esses nomes estão muito ligados à história e a cultura dessas pessoas. Na etnia ambundu encontramos nomes como: Massango, Quissanga, Katembo, Quilacuxi, Cassamba e Nzambe etc.

A colonização nos levou a criar um preconceito linguístico e a discriminação sobre os nomes de origem africano, tanto que muitos de nós ainda acarretamos a herança do colonizador (os nomes). A prova disso é a maneira como nos posicionamos quando ouvimos um nome de proveniente da etnia bakongo, ambundu ou ouvimbundu. Alguns têm a tendência de dizer o seguinte: que nome feio, que nome pesado, nome bruto, nome esquisito ou até mesmo dando risadas. Portanto, nós deixamos de valorizar a nossa identidade e a nossa cultura, mas queremos valorizar e abraçar uma cultura eurocêntrica, isto é, pelo facto de nós acharmos que tudo que

vem do ocidente é bom, e eles têm os nomes mais bonito (Érick, Werneck, Ewerton, Clebson, Wesley, Sueny). Esse é um dos motivos que tem levado certas pessoas a olhar com desprezo o seu próprio nome.

5 METODOLOGIA E ANÁLISES DE DADOS DA PESQUISA

O propósito deste estudo tem como objetivo em compreender o lugar das línguas africanas faladas em Angola para o desenvolvimento da sociedade e da cultura em si. Quanto a sua abordagem, trata-se de uma pesquisa quantitativa. De acordo com Fonseca (2002, p. 20) a pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com auxílio de instrumentos padronizados e neutros.

O cenário desta pesquisa é em Angola. A escolha desse lugar se deu em função do tema de pesquisa, uma vez que se trata das línguas de origem africana faladas em Angola. Visto que, trata-se de um assunto que envolve a comunidade e, analisamos dados e as relações como foi o caso de a) Gênero, b) Localidade, C) Língua materna, d) nível de escolaridade, e) Nível econômico.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, achamos por bem utilizar um questionário online, contando com a participação de 79 informantes, dos quais tivemos 19 são mulheres e 60 homens, com a idade compreendida entre 18 a 81 anos de idade, nível socioeconômico alto, médio e baixo, nível de escolaridade: Ensino primário, ensino médio, ensino superior e sem nível acadêmico nosso questionário também conta com um total de 24 perguntas obrigatórias e uma linha para comentários. Neste sentido, escolhemos 24 perguntas fechadas, ou seja, perguntas que vão se relacionar, dialogar ou ir de acordo os objetivos da nossa pesquisa, optamos também por deixar um espaço onde os informantes pudessem comentar de forma desenvolvida acerca da nossa pesquisa.

Dessa forma, as razões da escolha do questionário online como o instrumento de coleta de dados, são pelo fato do mesmo obter diversas vantagens como: primeiro lugar, não há necessidade de o pesquisador ter que se deslocar até ao terreno para obter os dados ou as informações, mas por meio da tecnologia os questionários eletrônicos são enviados em qualquer parte do mundo, desde que os voluntários tenham acesso a internet. Segundo lugar, as respostas são obtidas em menos tempo, ou seja, o pesquisador terá uma quantidade de respostas em poucos dias ex: 2 a 3 dias, diferente de uma coleta de dados onde o pesquisador vai no terreno. Em terceiro lugar, há mais liberdade e conforto por parte do informante em dar as respostas.

Existe uma comparação a ser feita entre o homem e a mulher, ou seja, as respostas obtidas no questionário, obtemos um total de 25%, ou seja, pode se dar o caso que foi por falta de condições econômica. Algumas mulheres que se encontram num nível socioeconômico baixo e de extrema pobreza e, muitas dessas mulheres têm mais dificuldade que as outras

mulheres. Certas mulheres não têm um celular, enquanto os homens conseguem um celular em condições.

A pesquisa procurou trabalhar com informantes de diferentes tipos de níveis socioeconômico social, dentre os quais podemos observar que 39,2% nível socioeconômico médio, 35,4% nível socioeconômico baixo, 21,5% nível socioeconômico médio-alto e 3,8% nível socioeconômico alto.

Ha uma grande comparação entre a pergunta 1 com a pergunta 2. É bem verdade que o nível socioeconômico influencia bastante ou até mesmo para distinguir qual camada as pessoas vivem. Por exemplo: na primeira pergunta vimos que a minoria dos indivíduos que responderam fora da faixa etária entre 18 e 28 e 30 a 40, nota-se que, o fato de ser a maioria não nos leva a pensar que todos eles pertencem ao mesmo nível socioeconômico, ou seja, tem quem pertence ao nível econômico médio, alto e baixo. O mesmo acontece com os adultos de faixa etária entre 41 e 51, 52 a 62 e 70 a 80 anos, podemos olhar e fazer uma análise e constatar que todos esses também não pertencem ao mesmo nível socioeconômico.

No que concerne à faixa etária, houve uma grande participação dos informantes, onde podemos que a maior parte desses informantes têm a idade compreendida entre 18 e 28 anos de idade, totalizando a maior percentagem de 46,1%, a seguir vem os informantes com a idade compreendida entre 30 a 40 anos, com um total de 34,2%, 41 a 51 anos de idade, totalizando 12,7%, 52 a 62 anos de idade, com um total de 8,9%, 70 a 80 anos de idade, com 1,3%. Portanto, essa comparação nos mostra que a participação ativa dos jovens se deu em função de certos fatores como: a) o conhecimento da tecnologia, visto que a maior parte dos jovens tem o domínio e o conhecimento das redes sociais e outras áreas do saber, criando eventos e trabalhos científicos. b) O acesso aos aparelhos eletrônicos como: Celulares, Tablet e Computador. os jovens têm mais facilidade de adquirirem smartphone ou computador, por serem as ferramentas que têm auxiliado no desenvolvimento dos trabalhos científicos.

Diferentes dos adultos que estão na faixa etária entre 52 e 62 anos e 70 a 80 anos de idade que não têm muito recurso, ou seja, muitos deles não têm o domínio e o acesso aos meios tecnológicos e, alguns deles se apropriam de telefones com teclado externo que só permite fazer ligação e enviar mensagens. E outro fator também é a falta de uma rede internet wifi ou dados móveis, muitos desses adultos fazem ideia do que é uma internet. O meio no qual se vive também é muito importante, ou seja, tem sido mais fácil das pessoas que estão nas zonas urbanas terem acesso a certas informações.

Procuramos saber o nível de escolaridade dos informantes, visto que as pesquisas sociolinguísticas valorizam essa variável social. Segundo os dados da pesquisa, cerca de 57,9%

correspondem aos indivíduos que têm o ensino superior completo e 32,8% correspondem aos indivíduos que têm o ensino médio completo. Em diante destes dados apresentados, podemos fazer uma comparação com a pergunta 2. O fator nível econômico social influencia muito naquilo que é a vida acadêmica de um indivíduo.

Existem escolas públicas e as universidades que têm contribuído e ajudado muito no que concerne a formação de novos quadros, mas ainda assim, os responsáveis pelos estudantes encaram uma dificuldade de como manter dentro do ensino em: comprar os materiais didáticos comprar bata; comprar mochila, comprar o lanche da criança e o vestuário. Portanto, isso tem sido um dos principais motivos do abandono escolar, ou seja, a pessoa abandona os estudos por falta de condições financeiras.

Questiona-se a esses informantes o local de nascimento, é bem verdade que o local de nascimento também influencia muito naquilo que é a nossa educação e a nossa forma de ser. As estatísticas apontam que:

Quadro 1 - Dados do local de nascimento dos voluntários

Províncias	Total de voluntários
Luanda	46,8%
Huambo	12,7%
Huíla	6,3%
Malanje	6,3%
Benguela	6,3%
Uíge	5,1%
Bengo	2,5%
Cabinda	2,5%
Zaire	1,3%
Cunene	1,3%
Cuanza Sul	1,3%
Cubango	1,3%
Namibe	1,3%
Moxico	1,3%

Fonte: dados da pesquisa.

Fica claro que a maioria nasceu na capital de Angola. Portanto, podemos comparar com a pergunta 7, trata-se de uma maioria ter nascido em Luanda, então é óbvio que uma grande parte fale o português pelo fato de ser a língua que predomina nessa região.

Procuramos saber por parte dos informantes a zona onde vivem, e segundo o relato obtido, os dados apontam que 84,8% zonas urbanas e 15,2% zonas rurais. Podemos fazer uma comparação entre a pergunta 1 e a pergunta 6, mas nota-se que a maior parte dos informantes vivem em zonas urbanas, ou seja, pode haver possibilidade de alguns desses informantes serem de zonas rural. Assim, não é novidade que a maioria dos participantes são da zona urbana (Luanda), com mais facilidade de ter acesso aos materiais de tecnologias do que em zonas rurais. Mas também podemos comparar com a pergunta 2 que fala sobre o nível econômico e social.

A pesquisa também procurou saber a língua materna dos voluntários, ou seja, a língua que o mesmo aprendeu e vem falando desde a sua infância.

Há uma comparação da pergunta 7 com a pergunta 6 no que tange a língua materna e a zona de residência. Neste sentido, os dados mostram que 84,2% dos voluntários vivem em zonas urbanas e, é óbvio que a maior parte desses indivíduos têm o português como a língua materna, ou seja, em Luanda podemos encontrar falantes de línguas angolana de origem africana como a língua materna e o português aparece como a segunda língua, mas em geral a maior parte tem o português como a língua materna.

Dentre os 15,8% dos voluntários que vive em zona rural, podemos a maioria tem uma das línguas nacionais como a língua materna, e, também se dá pelo fato de se tratar de uma região onde o português não é fluente. E também podemos comparar com a pergunta 22, onde fala sobre a questão da valorização das línguas nacionais. Tendo em vista que a maior parte desses voluntários vivem em zonas urbanizadas, o português toma conta desses espaços por seguintes razões: o preconceito linguístico e a falta de aceitação. A falta de aceitação também é um problema que se observou entre muitos voluntários que desprezam as suas origens, etnias ou grupos linguísticos por vergonha para ser aceite num determinado espaço, ou seja, vive-se a moda de que todos são de Luanda.

Foram perguntados se gostam de falar a língua nacional africana em contextos informais de comunicação (com amigos, colegas, familiares) e 77,2% responderam positivamente, e 22,8% responderam que não têm interesse em falar em língua angolana de origem africana.

A pergunta 7 e a 8 estão interligadas, nota-se que a maior parte dos que falam uma das línguas nacionais de Angola, eles ou elas aprenderam desde a sua infância dentro do ambiente familiar. Portanto, é óbvio que eles vão gostar de conversar por meio dessa língua com familiares, amigos e colegas, mas isso acontece de uma forma bem restrita, ou seja, a pessoa só vai utilizar essas línguas dentro desses contextos.

Perguntados se falam ou entendem uma língua nacional, 55,7% respondeu positivamente. A 8 e a 9 também são perguntas interligadas. Os voluntários que gostam de se comunicar em línguas nacionais, também conseguem entender os princípios da conversação, ou seja, o contexto do diálogo.

Sobre a valorização e promoção das línguas africanas em Angola, 78,5% de informantes defendem que o estado angolano não valoriza as línguas nacionais, mas 21,5% dos voluntários responderam de forma positiva. Devemos aqui respeitar as opiniões de cada um dos voluntários, mas acredito que uma das razões que leva os voluntários dizer que o estado valoriza as línguas nacionais, é pelo fato de ainda se ter um 1h:00 dedicado às línguas nacionais em cadeias televisiva, rádios e músicas, mas quando a maioria diz que o estado não valoriza as línguas nacionais, é no sentido dessas línguas não serem aproveitadas ou utilizadas em contextos formais, no sistema de ensino e na constituição como língua oficial. Essa questão do preconceito linguístico é manifestada pelos vem muito da parte dos políticos na própria constituição da república na qual despreza e desvaloriza a existência das línguas nacionais de origem africana quando afirma no artigo 19º: O português é a língua oficial de Angola.

Perguntados se gostariam que os seus filhos aprendessem no sistema de educação bilíngue, ou seja, o português mais uma língua nacional de origem africana. Os dados analisados mostram que 98,7% dos informantes mostraram interesse e o desejo de ver o filho aprender num sistema bilíngue, ou seja, aprender em português e em outra língua nacional. Uma minoria de 1,3% respondeu que não querem que o filho aprenda em português e mais uma língua africana. Para essa minoria, acredita-se que devem ter em mente que o português é a única língua no qual a pessoa adquire o conhecimento, língua de prestígio. Enquanto a maioria reconhece o valor das línguas nacionais de Angola, o português é uma língua imposta pelos europeus no período colonial, mas as línguas nacionais é algo que nos identifica como um grupo etnolinguístico. Portanto, aprender em línguas nacionais é muito importante, tendo em conta que o mesmo contribui para uma boa qualidade de ensino e, ao mesmo tempo faz com que os alunos se sintam representado culturalmente nas salas de aula, segundo é que o conhecimento cultural nos leva a ter uma visão mais ampla sobre uma determinada coisa ou assunto.

Procuramos saber por parte dos informantes se gostariam que o sistema de ensino fosse bilíngue. Com base nos dados da pesquisa, uns totais de 94,9% dos voluntários responderam de forma positiva. Muitos voluntários têm interesse e gostariam de ver as línguas nacionais no sistema de ensino angolano, mas há um total de 5,1% diz que não aceita as línguas nacionais no sistema de ensino. Essa pergunta se compara com a pergunta 11 e, a maioria respondeu “sim” em ambas as perguntas. Está claro que a maioria tem esse grande interesse de ver um

sistema de ensino bilíngue onde sentimos a presença das línguas nacionais. Isso trata-se de uma “pedagogia culturalmente sensível,” não faz sentido o aluno estar numa sala de aula estudando um determinado assunto e não ter alguma coisa que represente esses alunos, ou seja, tudo é feito na base da língua portuguesa.

Procuramos entender qual seria a língua que os informantes utilizam para se comunicar dentro de casa. Segundo os dados dos voluntários, o português é a língua que a maioria utiliza para se comunicar com a família, com um total de 94,9%, tendo outros que utilizam as línguas nacionais como: Kimbundu 1,3%, Kikongo 1,3%, Nhaneca-Humbe 1,3%, Cokwe 1,3%.

Podemos comparar os dados dessa pergunta com os dados da pergunta 3,5,6 e 7. Os mesmos que falam português com os familiares, são os mesmo que nasceram em zonas urbanizadas (Luanda), mas isso se dá em função do preconceito linguístico, às vezes as pessoas são oprimidas e impedidas de falar as línguas nacionais com os próprios familiares dentro de casa, alguns ficam com vergonha que outra pessoa chega a descobrir que ele é da província X ou Y. De certeza que essa minoria que ainda fala em línguas nacionais com as famílias, esteja na faixa etária dos 40 a 80 anos de idade.

Com relação à mídia em Angola, procuramos entender da parte dos voluntários qual é a línguas que o mesmo gostaria de ouvir as notícias na televisão. Houve um desequilíbrio nas percentagens, sendo que 55,7% responderam de forma positiva, preferindo assistir às notícias em línguas nacionais de origem africana, enquanto que 44,3% preferem assistir notícias em português. Diante disso, há uma comparação dessa pergunta com a pergunta 10, e aqui entra a questão da valorização das línguas nacionais de origem africanas, as questões da valorização abrangem em todos os aspectos, ou seja, desde os momentos que essas línguas forem silenciadas, pisadas e ignoradas por parte das emissoras e dos jornalistas. Podemos dizer que nunca haverá valorização e a promoção dessas línguas. Todos têm o direito à informação, mas nem todos têm o domínio do português, fica difícil a pessoa compreender o que se está a dizer, lembrando que não tem tradutor. Assim, essa minoria acaba sendo excluída.

Perguntou-se qual língua gostariam de ouvir as notícias do rádio. Diante dessa pergunta, 55,7% dos voluntários respondem de forma negativa, mas 44,3% dos voluntários respondem de forma positiva, demonstrando o interesse em salvaguardar as línguas nacionais. Portanto, são os mesmos dados apresentados, em comparação com a pergunta 14.

Questionou-se qual língua é usada na igreja, sendo cristão ou não. Sendo assim, 82,3% responderam o português, mas 17,7% responderam as línguas nacionais. Dentro dos contextos religiosos existe algo que chamamos de “políticas linguísticas,” ou seja, são acordos que a igreja faz com os seus membros, isto é, de acordo as necessidades. A depender de cada religião, o

português não tem sido a única língua a ser utilizada, ou seja, existem igrejas que além do português tem tido um tradutor que traduz em uma das línguas nacionais, isto é, de acordo ao grupo linguístico desses membros.

Perguntou-se aos voluntários se gostariam de aprender uma outra língua nacional, ou seja, diferente da sua língua materna, responderam 98,7% que “sim”, mas 1,3% responderam que não. Isso só demonstra o grande interesse por parte da população e o desejo de querer aprender essas línguas, mas a minoria desprezada pelo fato de haver preconceito e mentalizar que as oportunidades estão em indivíduos que falam português ou até mesmo uma outra língua estrangeira como: Inglês, Francês e o Espanhol.

A pesquisa procurou saber em qual língua os informantes gostariam de ser atendidos pelos médicos nos hospitais. Os dados da nossa pesquisa nos mostram que uns totais de 70,9% dos indivíduos preferem ser atendidos pelo médico em língua português, e 29,1% preferem ser atendidos em línguas nacionais. Acredito que para essas pessoas, elas não têm o domínio do português, então fica mais fácil eles explicarem na sua língua materna, e, o doutor deve explicar para esses pacientes na língua materna deles, ou então ter um tradutor. Acredito que a maioria tem como língua materna o português. Pode-se comparar essa pergunta com a pergunta 7, visto que a maioria respondeu o português como a língua materna, então é óbvio que muitos deles vão preferir que os médicos lhes atendam em língua portuguesa.

Tendo em conta que todas as línguas são importantes para um povo, elas acarretam diversos valores morais, culturais e identidade de um povo. Foi perguntado aos voluntários qual seria a língua que pode transmitir o conhecimento científico, quer nas academias ou em outras áreas de conhecimentos.

Tendo em vista os resultados obtidos, cerca de 79,7% responderam o português, mas 20,3% responderam línguas nacionais. Diante deste cenário, todas as línguas têm o seu valor e, qualquer uma delas pode nos oferecer diversos conhecimentos científicos. A maioria diz que o português pelas seguintes razões: a) Língua de prestígio, b) poder e c) Língua aceite em diversos contextos formais. Muitos acreditam que só o português pode oferecer conhecimento científico, pelo fato de ser uma língua europeia. Mas isso não descarta os conhecimentos que as línguas nacionais podem nos proporcionar.

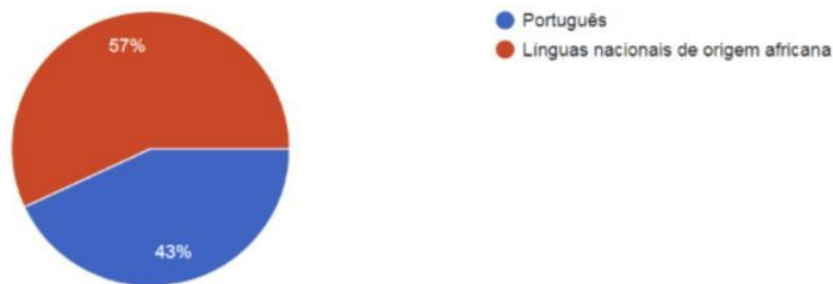
Foram perguntados se os mesmos gostariam de aprender a língua gestual angolana. Um total de 89,9% respondeu de forma positiva, tendo interesse em aprender a língua gestual, mas 10,1% respondeu de forma negativa. É louvável quando se tem pessoas interessadas em aprender a língua gestual, isso mostra uma empatia para com esse grupo. Não tem como falar dessa língua sem falar dos indivíduos que fazem da comunidade surda e quem tem sido excluída

de vários espaços. Nota-se que não existe uma inclusão sobretudo quando se fala em comunidade surda, e isso viola a declaração dos direitos linguísticos.

Por uma inclusão da comunidade surda, deve-se apostar na formação de professores e tradutores a fim de promover a inclusão nos seguintes espaços: Nos hospitais, nas escolas, nas igrejas, nos bancos, nos trabalhos e nas esquadras policiais necessita-se de intérprete de língua gestual.

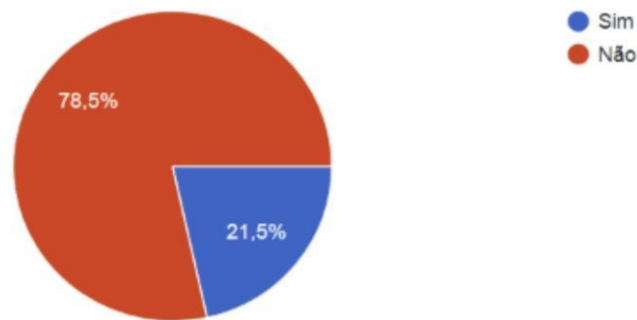
Perguntou-se aos voluntários qual língua gostariam de ouvir as músicas angolanas. Na descrição feita pelo gráfico n° 21, cerca de 57% preferem ouvir as músicas em línguas nacionais, enquanto 43% preferem ouvir as músicas em português. Neste sentido, acredito que esse total de 57% são informantes bilíngues, ou seja, normalmente as pessoas que ouvem as músicas em línguas nacionais, são pessoas que falam e entendem essa língua, mas é compreensível quando as pessoas preferem ouvir em português, leva-se em conta a falta de conhecimento e entendimento das línguas nacionais de origem africana.

Gráfico 1 - Preferencias de línguas nos contextos musicais



Fonte: dados da pesquisa.

Procuramos saber se os angolanos que vivem nas zonas urbanas valorizam as línguas nacionais. Os gráficos nos mostram o seguinte: cerca de 78,5% responderam que as línguas nacionais não são valorizadas nas zonas urbanas, e 21,5% responderam que as línguas nacionais são valorizadas nas zonas urbanas.

Gráfico 2 - As línguas nacionais de origem africana nos contextos urbanos

Fonte: dados da pesquisa.

Comparando essa pergunta com a pergunta 7, está claro que a maior parte da população que vive em zonas urbanas fala o português, e é óbvio que vai ser difícil as línguas nacionais de origem africana sobreviverem dentro dessa região. Ainda existe muito preconceito linguísticos, e as pessoas preferem não falar na sua língua materna para não ser desprezado. Portanto, nas zonas urbanas há poucos falantes de línguas nacionais de origem africana, ou seja, as línguas nacionais ficaram somente para os mais velhos de 50 a 90 anos de idade e mais usuais nas zonas rurais. Comparando com a pergunta 2, o nível socioeconômico também influencia muito, muitos dos falantes de línguas nacionais são famílias que pertencem à classe média baixa. Diferente de uma família que está na classe média alta, o seu desejo é de olhar mais para os seus interesses e descartando aquilo que é seu, ou seja, preferem dar mais importância para as línguas estrangeiras em relação ao Kimbundu, Kikongo, Umbundu, !Khun e etc.

Perguntou-se se os angolanos que vivem em zonas rurais valorizam as línguas nacionais de origem africana. Olhando para os dados da pesquisa, 84,8% responderam que as línguas nacionais são valorizadas nas zonas rurais, enquanto 15,2% responderam que as línguas nacionais não são valorizadas nas zonas rurais. É uma pergunta semelhante à pergunta 22, mas nota-se que essa valorização se dá em função do meio em si, ou seja, nas zonas rurais tem sido um espaço onde o português não tem tido espaço, diante deste cenário, vamos encontrar mais a presença das línguas nacionais.

Questionamos se as línguas nacionais de origem africana podem desaparecer devido ao domínio do português. Cerca de 75,9% respondem positivamente, dizendo que as línguas nacionais podem desaparecer com o domínio do português, enquanto que 24,1% respondem que as línguas nacionais não vão desaparecer devido ao domínio do português.

Essa pergunta dialoga muito com a pergunta 10, que trata da questão de promoção e valorização. Não existem línguas sem falantes, ou seja, enquanto não houver espaços para essas línguas, de modo nenhum elas terão condições de sobreviver. E isso tem sido uma realidade no contexto angolano, a prova disso são os resultados dos dados, a maior parte desses informantes são falantes de uma língua (Português).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo visa compreender o lugar das línguas africanas faladas em Angola, buscando identificar os problemas do atraso no ensino, uma vez que são marcas da cultura e da identidade do povo. a) Analisar o lugar das línguas africanas faladas em Angola nos espaços públicos; (b) descrever os fatores que impedem com que as pessoas não aprendam as línguas nacionais; (c) explicar as razões da fraca divulgação e ensino em línguas africanas faladas em Angola. De acordo com o desenvolvimento da pesquisa, dentre os principais resultados destacam-se: (i) A falta de preocupação e a demora por parte do governo angolano, no que tange ao ensino, promoção e a valorização das línguas locais de Angola, de modo a oficializar e inserir essas línguas nas áreas administrativas. (ii) A falta de interesse por parte da população residente em grandes centros urbanos 84,8%, uma vez que a maior parte ainda prefere manter o monolinguismo, ou seja, para muitos deles afirmam que o português deve ser utilizado em todos os contextos como: Escolas, Hospital, Esquadra policial igrejas etc. (iii) A expansão da língua portuguesa, um dos principais fatores que influenciou na redução de números de falantes de línguas locais.

O objetivo geral e os objetivos específicos apresentados na pesquisa, foram alcançados. Os resultados obtidos pela pesquisa, apontam que o português é a língua com mais destaque, língua materna da maior parte dos voluntários, e, é o idioma utilizado em todos os espaços público e privado. Neste sentido, os dados mostram que as línguas africanas faladas em Angola, recebem mais atenção, visibilidade e valorização dentro dos contextos rural e, ao passo que, em zonas urbanas elas não são vistas da mesma forma que o português. Dessa forma, essa desvalorização ocorre no sentido das restrições e silenciamento por parte dos órgãos políticos, mas isso surge em função de fatores como nível de escolaridade, a zona (zona rural ou urbana), nível socioeconômico. Assim, essas línguas locais só ganham espaço dentro dos contextos informais, porém, tendo algumas delas sendo utilizadas dentro de algumas igrejas, cerimônias de casamentos, alguns programas de tv.

As análises mostram que a falta de atenção tem feito com que essas línguas correm o risco de desaparecer devido ao rápido domínio do português, algo que já se vê na família Khoisã (línguas do grupo khoisan). Como podemos ver a expansão e o crescimento de falantes do português, levou a redução de falantes das línguas locais.

A primeira hipótese foi confirmada, as línguas locais têm um espaço tanto na rádio como também na televisão, mas o tempo que a televisão se dedica nas línguas locais é muito pouco. A segunda hipótese não se confirmou, tendo em conta que a maior parte da população ainda

olha o português como uma língua de prestígio, língua de escolaridade, administração e de oportunidade. A terceira Hipótese também se confirmou em função do uso das línguas locais em cerimônias de pedidos e alambamento, visto que isso ocorre tanto em zonas urbanas como em zonas rurais. Porém, em zonas urbanas tem sido menos forte em relação a zonas rurais.

Este estudo contribui para o desenvolvimento de futuras pesquisas das políticas e planejamento linguístico em Angola, ao passo que o estado angolano deve adotar uma política linguística que procura olhar e salvaguardar as línguas locais de Angola. Assim, haverá o resgate e a união entre os grupos linguísticos que no qual eram afastados. O mesmo também coopera para o resgate dos valores morais, culturais, identidade e raízes de grupos etnolinguístico.

REFERÊNCIAS

- ANGOLA. **Constituição da República (CRA)** Luanda: Plural Editores Angola.2010
- BERNARDO, EP, J; TIMBANE, A, A. Por uma política linguística nos serviços de saúde: um estudo sociolinguístico do Hospital Regional de Malanje (Angola). **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 268-290, jun. 2020.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo, Edições Loyola, 2009
- BERNARDO. EP; SEVERO.C, G. Políticas Linguísticas em Angola: Sobre as políticas educativas in (ex) cludentes. **Revista da ABRALIN (S /)**, v.17, n. 2, p 210- 233, 2018.
- DJALÓ, M. **Filosofia bantu: uma leitura introdutória**.Bahiaeditora.26 jul.2017
- DA LUZ, B. **Bilinguismo em Angola: perfil sociolinguístico da língua nganguela em Menongue**. Belo Horizonte: editora, 02 agosto.2021
- ESPAÑA. **Declaração Universal dos Direitos linguísticos**. Barcelona: UNESCO.jun,1996.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- GONÇALVES, M.; ANDRADE, A. Disponibilidades e Auto-Implicação: desenvolvimento profissional e Plurilinguismo. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, n.3(63), p. 457-477, set/dez, 2007.
- ANGOLA,INE. **Resultado Definitivo do Recenseamento Geral da População e da Habilitação de Angola 2014**. Luanda: Instituto Nacional de Estatística, 2016.
- JOSÉ, F, L. **Jornalismo em Línguas não Oficiais: Exercício e Cidadania das Emissoras Públicas no Brasil e Angola. 2018. 93 F. Monografia.Universidade Federal de Brasília,Brasília.2018**
- JOSÉ, F. P. O multilinguismo em Angola: Modelo para a implementação de uma política linguística. **Farmhouse ciência & tecnologia**. Luanda. v.1, n.1, 15 nov.2024. p.1-11-12,n.01,abr.2022.
- KIALANDA, K, S. **O Português de Angola como língua nacional: Breves considerações sintáticas**.2020. Monografia(Graduação) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Bahia.2020
- KIALANDA, K. S. (2024). O kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultulinguística nos nomes próprios. **Revista Njinga & Sepé: Revista Internacional e culturas, Línguas africanas e brasileiras**, Curitiba. v.7, n. 12, p.21. junho.2019
- KONDJA,E,J. Descrição e análise comparativa do vocabulário das variantes (línguas) !Khun (Khoisan) da província do Cunene (Vocabulário em Português – Oshikwanyama – Inglês. **Revista Njinga & Sepé: Revista Internacional e culturas, Línguas africanas e brasileiras**,BA. V.3, n.1,p.29.jun.2023
- KUKANDA, V. Diversidade linguística em África. **Africana Studia**, [S.l.], n. 3. Edição da Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto.2000.

MIGUEL, A, J. **Integração morfológica e fonológica de empréstimos lexicais bantos no Português Oral de Luanda.** Lisboa.2019

MATIRO, Antonieta. **O impacto do Ensino Bilingue no Processo de Ensino e Aprendizagem na 1ª e 2ª Classe.** An 2020. P.13.(TCC-Português) Universidade Católica de Moçambique, Moçambique,2020

MANERA, S,B. **Importância das rádios na reconstrução de Angola pós guerra civil –** Análise da rádio nacional de Angola, rádio ecclésia e Luanda antena comercial. Bahia, Salvador.2007. 141 F.Monografia(Bacharelado bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo.)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

NDOMBELE, D, E. Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. **Revista Internacional em Língua Portuguesa.** Lisboa n.31.19 abril.2021.p 1-19..

MIGUEL, O, A. Memórias dos grupos étnicos minoritários no sul de Angola: a dimensão da vulnerabilidade socioeconómica dos san. **Cadernos de África Contemporânea.** Huílavol.4, nº8, p.119-137, 2021.

PENHA. M B. **A cultura e a língua lingala em contexto angolano:**2023.104 f.Monografia(Graduação em letras)- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Bahia.2023

PETTER, M. **Introdução à Linguística Africana.** São Paulo.editora contexto.2015.
PORTUGAL. O Decreto –Lei nº39.666 de 20 de maio de 1954. “Estatuto dos indígenas portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique”. Disponível em: <https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/7523.pdf> Acesso em: 30 mai.2025.

SANTANA, Y,F, D; TIMBANE. A, A. Considerações sobre o português angolano e o preconceito linguístico em Angola. **Revista Philologus.** Rio de Janeiro.v.27,n.80, 15 agost, p 67-90.Mai. 2021.

SANTANA, Y; TIMBANE, A, A. **Evidências sociolinguísticas da variedade angolana do português e o combate ao preconceito linguístico.** São Paulo.Editora: opção, dez 2021

SONGA.N, E; DIAS.O, Lde. **Jornalismo e Identidades: Línguas Nacionais na Televisão Pública de Angola e o Exercício da Cidadania 1.** Goiânia. Editora Set.2015.

SOUZA, S; SÁ, A, H, M. Reflexões acerca da promoção de uma didática do plurilinguismo no ensino-aprendizagem de línguas. **Revista Letras.** Curitiba. Janeiro, v.105, n. 1, p. 45-65, Jun. 2022.

TIMBANE, A A. REZENDE, M C M. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Revista Travessias,** Cascavel, v. 10, n. 3, p. e15582, 2016.

TIMBANE. A A;SASSUCO,D,P;UNDOLO, M. **Evidências Sociolinguísticas da variedade angolana do português e o combate ao preconceito linguístico.** 1º edição São Paulo, editora opção, dez.2021.

ZAU,D,G, D. **A Língua Portuguesa em Angola:** Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização. 204f. 2011 Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, Covilhã, 2011.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA ACADÊMICA

1.Sexo *

Masculino

Feminino

2.Assinale o seu nível econômico na atualidade: *

Nível socioeconómico alto: com renda e padrão de consumo elevados. Nível socioeconómico médio-alto: com renda e padrão de consumo razoáveis. Nível socioeconómico médio: com renda e padrão de consumo mais moderados. Nível socioeconómico baixo: com renda e padrão de consumo mais limitados.

3.Faixa etária *

18 a 29 anos de idade

30 a 40 anos de idade

41 a 51 anos de idade

52 a 69 anos de idade

70 a 80 anos de idade

81 ou mais anos de idade

4.Qual é o seu último nível de Escolaridade concluído?

Ensino Primário Completo

Ensino Secundário Completo

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Completo

Sem nenhum nível

5.Qual é a província em que nasceu? *

Bengo

Benguela

Bié

Cabinda

Cuando

Cubango

Cunene

Cuanza Norte

Cuanza Sul
Huambo
Huíla
Ícolo e Bengo
Luanda
Lunda Norte
Lunda Sul
Malanje
Moxico
Moxico Leste
Namibe
Uíge
Zaire

6.Qual é a sua zona de residência?

Zona Urbana
Zona Rural

7.Qual é a sua língua materna? (a língua que aprendeu e falou desde os dois anos de idade) *

Cokwe
Herero
Nganguela
Nyanelca-Humbi
Kikongo
Kimbundu
Oxindonga
Português
Umbundu
Língua Gestual

8. Gosta de falar a língua nacional africana em contextos informais de comunicação (com amigos, colegas, familiares)? *

Sim

Não

9. Fala ou entende alguma língua nacional africana? *

Sim

Não

10. Na sua opinião, O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das línguas africanas de Angola? *

Sim

Não

11. Gostaria que o(a) seu(sua) filho(a) aprendesse no sistema de educação bilíngue (português + uma língua nacional de origem africana)? *

Sim

Não

12. Gostaria que o ensino primário angolano fosse feito pelo sistema de ensino bilíngue? (português + uma língua nacional) *

Sim

Não

13. Qual é a língua que mais utiliza para se comunicar dentro do meio familiar? *

Português

Kimbundo

Kikongo

Herero

Nganguela

Nhaneca-Humbe

Oxindonga

Cokwe

Língua gestual

Outra

14. Qual é a língua que gostaria de assistir as notícias na televisão (qualquer canal angolano)? *

Língua Portuguesa

Língua Nacional de origem africana

Língua Gestual Angolana (Língua dos surdos)

.Qual é a língua que gostaria de ouvir as notícias da rádio (qualquer canal angolano)?

Língua Portuguesa

Línguas nacionais africanas

16. Qual é língua que é usada na igreja? Caso não frequente alguma igreja, qual língua consideraria se fosse crente? *

Português

Línguas nacionais

Língua gestual angolana (língua dos surdos)

17. Gostaria de aprender uma outra língua nacional de origem africana para além da sua língua materna? *

Sim

Não

18. No hospital ou na clínica gostaria que o médico lhe atendesse em qual língua? *

Português

Línguas nacionais de origem africana

Línguas gestual angolana (língua de surdos)

19. Qual é a língua que pode transmitir o conhecimento científico na atualidade? *

Língua Portuguesa

Qualquer língua angolana de origem africana

Línguas gestual angolana

20. Gostaria de aprender a Língua Gestual Angolana (línguas dos surdos)?

Sim

Não

21.Em qual língua gostaria de ouvir as músicas angolanas?

Português

Línguas nacionais de origem africana

22.Acha que os angolanos que vivem nas zonas urbanas valorizam as línguas nacionais de origem africana?

Sim

Não

23.Acha que os angolanos que vivem nas zonas rurais valorizam as línguas nacionais de origem africana? *

Sim

Não

24.Acha que as línguas nacionais de origem africana podem desaparecer rapidamente devido ao domínio do português (língua oficial)?

Sim

Não

25.Escreva aqui os comentários complementares que deseja deixar.